## UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

A INVENÇÃO DA PRIMAVERA: APONTAMENTOS SOBRE O DISCURSO OCIDENTAL A RESPEITO DAS REVOLTAS ÁRABES

**CURITIBA** 

## Murilo Prado Cleto

# A INVENÇÃO DA PRIMAVERA: APONTAMENTOS SOBRE O DISCURSO OCIDENTAL A RESPEITO DAS REVOLTAS ÁRABES

Dissertação entregue como requisito parcial de aprovação no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Programa de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da Universidade Tuiuti do Paraná.

Professora Orientadora: Isadora Dutra

**CURITIBA** 

2014

#### **AGRADECIMENTOS**

Depois de quase 3 anos de envolvimento num projeto grandioso como o que resultou na criação do curso de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Tuiuti do Paraná, é inevitável que seus principais responsáveis sejam lembrados nestas poucas linhas.

Meus agradecimentos a todos os professores do curso, em especial àqueles que estiveram diretamente envolvidos não apenas com esta dissertação, mas com minha já longa trajetória na instituição, quando já se vão quase 10 anos. Agradeço ao professor Rafael Tassi pelo início e desenvolvimento de orientação deste trabalho, à professora Etelvina Trindade pela condução dos projetos de pesquisa e a sempre dedicada coordenação do curso e à professora orientadora Isadora Dutra pelas cirúrgicas contribuições já na fase final do trabalho.

Por fim, agradeço imensamente aos professores Erivan Karvat e Wilma Bueno, que aceitaram a incômoda tarefa de compor a banca deste trabalho em suas fases de qualificação e final em tempo recorde.

#### **RESUMO**

O presente trabalho estabelece um panorama do processo de construção do Oriente no imaginário ocidental ao longo dos tempos na História, desde as Guerras Médicas e as primeiras representações daquilo que se classificou como "bárbaro" na Antiguidade ao discurso contemporâneo sobre o "fundamentalismo islâmico", passando pelas concepções medievais cristãs, o espírito renascentista do mundo moderno em expansão e o cientificismo iluminista. Sob este cenário, a dissertação discute os principais desdobramentos do Orientalismo na produção de uma interpretação ocidental a respeito das revoltas que sacodem o mundo árabe desde dezembro de 2010.

Palavras-chave: Orientalismo; Revoltas Árabes; Mídias

#### **ABSTRACT**

This scientific work makes a view of the Orient's construction process in west imaginary over History since Greek-Persian War and the first representations from what was qualified as "barbarian" in the Ancient History until the contemporany discourse about the "islamic fundamentalism" through Middle Age concepts, the Modern Age's expanding renaissancist spirit and the illuminist scientism. Under this scenery, the dissertation argues Orientalism's principal unrolling in the production of a western interpretation about the rebellions that shakes arabian world since december 2010.

Key words: Orientalism; Arabian Rebellions; Media

# SUMÁRIO

INT	RODUÇÃO	5
1.	ORIENTALISMO: UMA BREVE HISTÓRIA DO "OUTRO"	1
2.	A PRIMAVERA ÁRABE SOB O OLHAR ORIENTALISTA	<b>4</b> 4
COI	NSIDERAÇÕES FINAIS	53
REF	ERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

## INTRODUÇÃO

Tarek ak-Tayyib Muhammad ibn Bouazizi era apenas mais um dos milhares de jovens desempregados na Tunísia. Tinha 26 anos e sustentava uma família de oito pessoas com menos de 150 dólares por mês. Como sempre fazia, colocou o carrinho de verduras para trabalhar como ambulante quando foi surpreendido por policiais. As autoridades pediram propina, recusada pelo jovem, e confiscaram seus objetos.

De acordo com a família, Bouazizi levou uma cusparada no rosto de uma funcionária municipal, além de ter todas as frutas jogadas fora. Indignado, procurou a sede do governo regional para defender seu caso, em Sidi Bouazid, província no centro do país. Seus pedidos foram todos negados. Desacreditado, deixou uma mensagem no Facebook para a mãe, desculpando-se pela fraqueza. Em 17 de dezembro de 2010, como num impulso, comprou um galão de gasolina e ateou fogo ao próprio corpo diante da mesma sede em que o governador havia se recusado a recebê-lo e, 18 dias depois, morreu num hospital em Ben Arous, perto de Túnis.

Através das redes sociais, como o Twitter e o Facebook, além de mensagens SMS, simpatizantes de Bouazizi e indignados com o regime passaram a articular encontros. Cerca de 5.000 pessoas acompanharam seu cortejo funerário, e a morte do jovem serviu como estopim de uma onda de protestos que se alastrou rapidamente pelo país. Corrupção, nepotismo e os altos índices de desemprego eram os principais objetos da fúria da multidão tunisiana. A polícia reagiu de maneira violenta. Milhares foram mortos e presos.

No poder havia 23 anos, o militar autocrata Zine al-Abidine Ben Ali foi à TV para pedir calma à população e declarar que o desemprego era um problema mundial. Apenas 9 dias depois da morte de Bouazizi, o presidente não resistiu às pressões e fugiu para a Arábia Saudita sob a promessa de renunciar a todas as atividades políticas.

Depois da "Revolução de Jasmim", na Tunísia, uma onda de protestos tomou conta de boa parte do mundo árabe, alastrada em direção à Argélia, Jordânia, Egito, Iêmen, Líbia e Síria. No Egito, depois de 18 dias de intensos protestos concentrados na Praça Tahir, já em fevereiro de 2011 os rebeldes puseram fim aos 30 anos de mandato do presidente Hosni Mubarak.

Enquanto isso, na Líbia, o presidente Muamar Kadafi condenava os levantes nos países vizinhos aliados ao mesmo tempo em que bloqueava o site YouTube e demais redes sociais em meio a relatos de agitações na cidade de al-Bayda. Em 17 de fevereiro, o "dia de fúria" teve focos de combate nas cidades de Bengazi, Adjabiya, e Darnah. Pelo celular, uma mensagem de texto repassava as convocações dos manifestantes: "Da juventude líbia até todos aqueles que estão tentados a tocar nas quatro linhas vermelhas: venha e nos encontre em qualquer praça ou rua na Líbia". Algumas das principais cidades do país foram tomadas pelos rebeldes e um governo de oposição foi formado. Em março, a OTAN deu início aos seus bombardeios, logo depois das iniciativas espontâneas de Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Itália e França. A guerra civil se estendeu até outubro, quando Kadafi foi capturado e morto pelos opositores.

Com medo dos desdobramentos das revoltas em todo mundo árabe no norte da África e no Oriente Médio, os presidentes do Sudão e do Iêmen anunciaram desistência das próximas reeleições, assim como o premiê do Iraque, e na Jordânia o governo renunciou diante das pressões. Na Síria, Bashar al-Assad resiste desde janeiro de 2011, mesmo com as constantes ofensivas do Ocidente, favorável aos rebeldes.

Especialmente para o Ocidente, a série de revoltas que abalou o mundo árabe desde o fim de 2010 representou um significativo desafio. Desde a Revolução Iraniana, em 1979, era a primeira vez que a hegemonia ocidental sobre a região dava sinais de colapso. Mas se durante a revolta que pôs fim ao regime do Xá Mohamad Reza Pahlevi os limites da rebeldia encerravam-se nos muros do próprio Irã, desta vez uma série de países teve as estruturas do poder abaladas pelo descontentamento popular.

Presente no processo de descolonização de África e Ásia no período imediatamente posterior ao fim da Segunda Guerra Mundial, o Ocidente agiu rapidamente e tratou de escolher com cuidado as novas lideranças de uma região extremamente rica em reservas de minérios e petróleo. Os líderes batidos pela onda de protestos no mundo árabe eram, em grande parte, fruto destas escolhas. Pressionadas pela opinião pública, depois de um curto período de silêncio, as autoridades ocidentais vieram a público para manifestar sua posição de apoio aos rebeldes em ascensão.

Na imprensa, as manchetes batizaram as revoltas de "Primavera Árabe". Os jornais adotaram uma posição de euforia diante dos acontecimentos, celebraram a queda das ditaduras na região e incorporaram um discurso de liberdade e democracia tal qual

outros eventos da história do Ocidente contemporâneo. Durou pouco, mas o clima de otimismo que caracterizou a cobertura da imprensa ocidental sobre os levantes no mundo árabe tem muito a revelar sobre um estilo de pensamento que caracterizou a história da relação entre Ocidente e Oriente: o Orientalismo.

Edward Said nasceu em Jerusalém, na Palestina, em 1935. Seu pai, cristão de origem árabe, fugiu da convocação do exército otomano para os Estados Unidos e atuou na Primeira Guerra Mundial em território europeu. Said passou a adolescência no Egito, matriculado num colégio inglês conservador e de forte tradição vitoriana. Mas foi somente anos depois do início de sua trajetória na academia e, mesmo, da publicação de seu primeiro livro, que a questão do Oriente ocupou espaço central na sua vida:

Eu estava em Nova York quando se deu a Guerra dos Seis Dias. Fiquei completamente destroçado. O mundo tal qual eu havia entendido terminou naquele momento. Eu havia estado nos Estados Unidos por vários anos, mas somente naquele momento comecei a tomar contato com outros árabes. Por volta de 1970 eu estava completamente imerso na política e no movimento de resistência palestina. I

Em 1975, Said publicou sua primeira reflexão sobre o significado dos romances no mundo moderno, a obra "Beginnings", com análises de Auerbach, Vico e Freud. Mas com "Orientalismo", em 1978, o pesquisador americano-palestino revolucionou a história da compreensão sobre um Oriente "inventado" pelo Ocidente.

No começo dos anos 1970, eu comecei a me dar conta de que as distorções e as falsas representações eram sistemáticas, parte de um sistema de pensamento muito mais amplo, que era endêmico na forma de conjunto de o Ocidente tratar o Mundo Árabe. Isso confirmou minha percepção de que o estudo da literatura era, essencialmente, uma tarefa histórica e não apenas estética. Eu ainda acredito no papel da estética, mas o reino da literatura por si mesmo é algo simplesmente equivocado. Uma investigação histórica séria precisa começar pelo fato de que a cultura está inevitavelmente comprometida com a política.<sup>2</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> SAID. *ap.* SADER, Emir. Introdução: Edward Said – uma pequena homenagem. In: CLEMESHA, Arlene (org.). *Edward Said*: trabalho intelectual e crítica social. São Paulo: Editora da Casa Amarela, 2005. p. 14-15.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> *Id*, *ibid*. p. 15

De acordo com Said, Orientalismo é um estilo de pensamento que aceita a clivagem entre Ocidente e Oriente como ponto de partida para as representações sobre o Outro oriental<sup>3</sup>. Neste sentido, o Orientalismo foi uma disciplina que, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, sistematizou o conhecimento sobre o Leste a partir de uma bagagem adquirida desde os gregos antigos e ressignificada pela história da relação entre um embate entre "civilização" e "barbárie".

Longe de ser um fenômeno superado, o Orientalismo está presente no discurso midiático que representa o "islâmico fundamentalista" ou mesmo o "árabe revolucionário". Isso em grande parte graças ao poder de penetração deste estilo de pensamento, mas também às teleologias de uma história cientificista do século XIX que se apropriou de parte de uma filosofia da história enraizada nas ideias de progresso e civilização.

Para os guardiões do templo da ciência histórica, uma análise orientalista sobre o discurso ocidental a respeito da "Primavera Árabe" soaria qualquer coisa menos convencional. Fruto da escola metódica do século XIX, a desconfiança dos historiadores a respeito de objetos de pesquisa muito próximos ao seu tempo descende de uma pretensa objetividade da historiografia. Autoritária, essa concepção nega o privilégio do historiador do tempo presente que pode contar com uma enorme quantidade de fontes e que tem nas mãos a oportunidade de modificar a natureza da definição de arquivo.<sup>4</sup>

Impossível seria compreender de maneira abrangente a contribuição do discurso orientalista sobre a Primavera Árabe ou sobre quaisquer eventos do Leste sem um debate minimamente interdisciplinar. Das referências gregas aos "bárbaros" persas às análises contemporâneas sobre movimentos árabes, uma distância percorrida por filólogos, generais, primeiros-ministros, filósofos, historiadores, sociólogos e tantas outras referências intelectuais figuram entre as principais modalidades de interpretação do Oriente.

Olga Pombo destaca o papel da interdisciplinaridade na tentativa de romper com o caráter estanque das disciplinas, construído pela ciência moderna desde o processo de "especialização" do conhecimento. Filha das contribuições de Descartes e Galileu, a especialização foi o resultado imediato do método de esquartejamento de cada

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Ver, sobretudo CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph. (org.) Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999.

totalidade, cindindo-a assim em pequenas partes para análise e, depois, sua reconstituição.<sup>5</sup>

Para a autora portuguesa, o rompimento com esta perspectiva acontece em diferentes graus e níveis:

O primeiro é o nível da justaposição, do paralelismo, em que as várias disciplinas estão lá, simplesmente ao lado umas das outras, que se tocam mas que não interagem. Num segundo nível, as disciplinas comunicam umas com as outras, confrontam e discutem as suas perspectivas, estabelecem entre si uma interacção mais ou menos forte; num terceiro nível, elas ultrapassam as barreiras que as afastavam, fundem-se numa outra coisa que as *trans*cende a todas. Haveria, portanto, uma espécie de um *continuum* de desenvolvimento. Entre alguma coisa que é de menos – a simples *justaposição* – e qualquer coisa que é de mais – a ultrapassagem e a *fusão* – a interdisciplinaridade designaria o espaço *inter*médio, a posição *inter*calar. O sufixo *inter* estaria lá justamente para apontar essa situação. A minha proposta é pois tão simples como isto: partir da compreensão dos diferentes prefixos da palavra disciplinaridade, do que eles têm para nos ensinar, das indicações que transportam consigo, na sua etimologia.<sup>6</sup>

No primeiro capítulo desta pesquisa, discuto a relação histórica entre Ocidente e Oriente a partir de algumas representações emblemáticas sobretudo a respeito dos árabes, dos gregos antigos aos norte-americanos do tempo presente. Neste panorama, estão importantes contribuições de Todorov sobre o processo de construção do "bárbaro" para a civilização ocidental, além de fundamentais apontamentos de Said sobre o Orientalismo enquanto disciplina descendente de um Iluminismo com os olhos voltados também para o Oriente.

Neste sentido, o primeiro capítulo também se volta às reflexões de Kant e Hegel, nos séculos XVIII e XIX, sobre o papel do homem iluminista do seu tempo e da filosofia da história, incluindo o principal argumento que justificou a dominação do Ocidente sobre o Oriente durante o Neocolonialismo: a função missionária da razão europeia. Afinal, foi ela – a razão – quem autorizou e justificou de antemão a submissão de quase dois continentes inteiros nas mãos da Europa imperialista.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, v.1, n.1, março 2005, p. 3 -15.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> *Id*, *ibid*. p. 5-6.

Muito tempo depois, nos séculos XX e XXI, uma permanência caracterizou o discurso ocidental sobre o Oriente a partir das representações sobre terrorismo e o desprovimento de razão dos árabes ainda permeia boa parte do imaginário imediato sobre os "bárbaros" contemporâneos nos meios de comunicação.

Por isso, o primeiro capítulo também apresenta uma relação entre essa repulsa diante do Outro árabe e a busca do Ocidente pelo progresso, através da premissa freudiana que pressupõe o ódio como manifestação inconsciente do recalque de uma civilização que rejeita suas raízes selvagens.

No segundo capítulo, trato algumas imagens e manchetes sobre as atuais revoltas no mundo árabe entre a África e a Ásia a partir de uma perturbadora insistência de atribuição de valores fundamentais ao Ocidente, como democracia e liberdade. Nesta busca, indico traços de continuidade no discurso orientalista que representou os árabes no alvorecer tanto do Imperialismo quanto da Primavera Árabe.

### 1. ORIENTALISMO: UMA BREVE HISTÓRIA DO "OUTRO"

"O medo dos bárbaros é o que ameaça converter-nos em bárbaros."

[Tzvetan Todorov]

Construção ideológica política, cultural e até mesmo moral, o Oriente nunca foi simplesmente um lugar. O que este espaço tem sido no imaginário ocidental, desde pelo menos a Antiguidade Clássica, é na verdade um conjunto de representações tecido ao longo dos séculos por uma relação não muito harmoniosa com o seu sujeito fundador. Como criatura disciplinada, o que tem feito o Oriente não é outra coisa senão corresponder aos anseios do criador, através de códigos que, do mágico ao científico, do político ao cultural, revelam um espaço domesticado pelas leituras etnocêntricas que traduzem o sujeito oriental conforme as regras de um Orientalismo tão brutal quanto dinâmico.

Em 1978, Edward Said atribuiu três significados fundamentais e interdependentes ao Orientalismo. Em primeiro lugar, o Orientalismo é fruto uma imaginação baseada, em partes, na experiência ocidental europeia no palco de algumas das suas maiores e mais ricas colônias do seu vasto império, o berço civilizatório da humanidade e seu grande rival cultural. No entanto, de acordo com Said,

Nada nesse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura *material* europeia. O Orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais.<sup>8</sup>

Em segundo lugar, Orientalista é todo aquele que pesquisa, ensina, escreve sobre o Oriente e aceita a clivagem entre Leste e Oeste como ponto de partida para o mapeamento de suas caracterizações políticas, culturais e sociais. Como discurso acadêmico, o Orientalismo transformou-se num "estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o 'Oriente' e o 'Ocidente.'" Nesta

-

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> *Id, Ibid.* p. 28.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> *Id*, *Ibid*. p. 29.

vertente, figuram escritores, filósofos, romancistas, teóricos políticos, filólogos, economistas, generais e poetas das mais variadas gerações, de Ésquilo a Bernard Lewis, passando por Dante e Karl Marx.

A aplicação das definições imaginativa e acadêmica do Orientalismo nunca foi estanque. Pelo contrário, em especial a partir do século XVIII, o Orientalismo adquiriu um terceiro significado e transformou-se numa disciplina com autoridade intelectual e, por conseguinte, *física* sobre o Oriente. Enquanto instituição autorizada a falar sobre o Oriente, o Orientalismo reclassificou, descreveu e, enfim, colonizou. Neste sentido, de acordo com Said,

o Orientalismo pode ser discutido e analisado como instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando informações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente [...] Sem examinar o Orientalismo como discurso, não se pode compreender a disciplina extremamente sistemática por meio da qual a cultura europeia foi capaz de manejar – e até produzir – o Oriente política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente durante o período do pós-Iluminismo. 10

Ainda que a instituição do Orientalismo enquanto ciência especializada sobre o Oriente tenha se formado apenas no século XVIII, o berço das representações sobre o Leste está na Grécia Antiga, não por acaso considerada matriz também da civilização ocidental. Neste sentido, nenhum embate soa tão duradouro quanto o constituído a partir da polaridade discursiva sobre civilização e barbárie, permanente ao longo da história, reivindicado por identidades diversas e firmado por uma distinção historicamente construída e naturalizada por séculos de convivência.

Sob a perspectiva de Roger-Paul Droit, a "primeira fase" do uso do termo "bárbaro" pode ser entendida como a do "bárbaro sem barbárie", pois a compreensão moderna do bárbaro como sinônimo inequívoco de destruição e ameaça à civilização passou longe do uso aplicado originalmente pelos gregos.<sup>11</sup>

A primeira referência conhecida ao termo "bárbaro" encontra-se na Ilíada de Homero, a partir da definição *barbarophônôn*, utilizada para caracterizar troianos e

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> *Id*, *ibid*. p. 29

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> DROIT, Roger-Paul. *Genealogía de los bárbaros*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2009.

aliados no lendário conflito da Guerra de Troia. Homero atribuiu a cada grupo características próprias que de alguma forma poderiam constituir sua identidade.

Desta forma, os pelasgos eram "de boas lanças", os peônios "de arco curvado" e os cários "barbarófonos". Mais que uma distinção idiomática, "barbarófono" determinou uma classificação específica de sotaque ou fonia. Isso porque *phôné* designou muito mais a voz, ou a maneira de pronunciar, do que uma linguagem específica. Em Homero, aliás, nem o termo "heleno" foi utilizado para caracterizar certa identidade coletiva entre os gregos. 12

De acordo com Tzvetan Todorov, é consenso que o uso comum do termo "bárbaro", no entanto, apareceu no período posterior ao conflito contra os persas nas chamadas "Guerras Médicas", a partir do século V a.C. O domínio da língua passou então a servir como instrumento legitimador da identidade grega e significou, portanto, o principal elemento de distinção entre "nós" – civilizados – e "os outros" – bárbaros. <sup>13</sup>

Bárbaro pela incompreensão completa da língua grega ou da "dificuldade" em pronunciá-la, ou ainda da incapacidade de compreensão entre seus pares, o Outro teve seu significado ampliado a partir da duplicação da oposição entre bárbaros e gregos a partir de então em "selvagens" e "civilizados".

Algumas indicações literárias da antiguidade grega fornecem possíveis caminhos na compreensão do que realmente entendeu-se sobre a "selvageria" do bárbaro neste contexto. Na tragédia "Electra", de Eurípedes, no século V a.C., um personagem questiona o terrível matricídio de Orestes: "Até mesmo em um país bárbaro, quem teria essa audácia?"<sup>14</sup>

Referindo-se aos irlandeses, o filósofo e geógrafo grego Estrabão defendeu a tese de que seus habitantes devoravam os próprios pais após sua morte num ritual de canibalismo com o objetivo de recuperar os poderes dos patriarcas.

Desta forma, os bárbaros foram entendidos como aqueles que, por definição, não compreendem as regras elementares da constituição humana a partir do desrespeito às leis comunitárias baseadas no convívio com os próprios pais. Os bárbaros eram, por isso, perfeitamente capazes de abusos como o matricídio, o parricídio, o infanticídio e mesmo o incesto.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> *Id*, *ibid*.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> TORODOV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros*. Petrópolis: Vozes, 2010.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> EURÍPEDES. ap. Id, ibid.

Ainda de acordo com Estrabão, os gauleses apresentavam costumes bárbaros porque penduravam a cabeça dos inimigos de batalha no pescoço de seus cavalos e pregavam-na nas portas das casas. Em oposição à hospitalidade, recorriam sistematicamente à prática da guerra para a solução de quaisquer desacordos e praticavam várias formas de sacrifício entre si. Neste sentido, eram classificados como bárbaros também aqueles que rompem brutalmente valores entre si e outros homens. <sup>15</sup>

Outro elemento distintivo entre "nós" e os "bárbaros", na Antiguidade, residiu na ideia de que são selvagens aqueles que não compreendiam o olhar dos outros na execução de suas práticas mais íntimas. Assim, os bárbaros copulavam em frente aos outros e com quaisquer parceiros como se fossem animais, pois, de acordo com Heródoto, o pudor é uma característica exclusivamente humana e significa a sujeição do indivíduo ao olhar dos outros.

Por fim, foram considerados bárbaros aqueles que não convivem de maneira ordenada, regidos por leis em comum. Estes isolavam-se em famílias e eram, por isso, mais propensos à dominação, representada sempre pela existência de um tirano que escravizava, por sua vez, seu povo submetido ao déspota em exercício. 16

Logo, as duas oposições foram fundidas pelos gregos – bárbaro x civilizado e domínio x falta de domínio da língua grega. Do sentido dotado de valor moral absoluto (selvagem) ao relativo e reversível (falta de domínio da língua), Todorov percebeu não exatamente uma confusão, mas uma continuidade entre ambos.<sup>17</sup>

Do grego, *logos* caracteriza ao mesmo tempo fala e razão e, portanto, a capacidade linguística é fator determinante no posicionamento do sujeito falante à condição de bárbaro ou civilizado, pois diz respeito à capacidade do uso da razão. O que os gregos estabeleceram, portanto, foi a naturalização de uma oposição fundamentalmente provisória – já que o domínio da língua pode ser adquirido com a sua prática.

De um lado ou de outro, as definições clássicas de "bárbaro" convergiram num sentido: o que atribuía a ele a dificuldade de compreensão plena da própria humanidade

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Em pleno combate contra os persas, o vitorioso chefe Pausânias foi convidado a pagar na mesma moeda o violento crime cometido contra o rei de Esparta, decapitado e com a cabeça cravada num poste. A sugestão é imediatamente rechaçada, pois "tal ato convém melhor a bárbaros do que a gregos; mas, até mesmo entre os bárbaros, nós o reprovamos". *Id, ibid.* p. 27

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Id, ibid.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Id, ibid.

e da humanidade dos outros. Neste sentido, os bárbaros foram relacionados aos animais pela predisposição à guerra, à desordem moral e a todo caos. <sup>18</sup>

Já no século III a.C., no entanto, apareceram as primeiras acusações de contradição desta oposição autoritária. Citado na obra de Estrabão, o escritor de tratados entre geografia e etnografia Eratóstenes questionava com veemência a "barbarização" do estrangeiro pura e simplesmente por sua condição de origem. Denunciava ainda que, assim como os gregos consideravam os estrangeiros bárbaros, estes por sua vez também concebiam os gregos como bárbaros, pois se a incompreensão constituía fator determinante de clivagem, a barbárie era apenas uma questão de ponto de vista.<sup>19</sup>

Sob a incipiente tradição cristã, a barbárie foi admitida como nas projeções de Eratóstenes. Na primeira carta de Paulo aos coríntios, declarou o apóstolo que

Assim também vós, se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? Porque estareis como que falando ao ar. Há, por exemplo, tanta espécie de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação. Mas, se eu ignorar o sentido da voz, serei bárbaro para aquele a quem falo, e o que fala será bárbaro para mim.<sup>20</sup>

No fim do século IV, São Jerônimo definiu que a regeneração de Cristo seria motivo suficiente para o fim das clássicas oposições entre gregos e bárbaros, escravos e livres, homem e mulher.<sup>21</sup>

No contexto de constantes invasões e da cisão do Império Romano, no entanto, a definição de bárbaro continuou atrelada ao estrangeiro, cada vez mais sinônimo de ameaça e menos de mera distinção linguística. Ainda no século IV, um dos principais etnógrafos dos povos bárbaros, o historiador romano Amiano Marcelino descreveu com minúcia sua compreensão a respeito dos hunos:

Os hunos ultrapassam em barbarismo tudo quanto se possa imaginar... Ignoram o uso da charrua, as habitações sedentárias, casas ou cabanas. Eternamente nômades, habituam-se desde a infância ao frio, à fome e à sede. Seus rebanhos acompanham-nos nas suas migrações, puxando carros que encerram as famílias... Sua vestimenta consiste numa túnica

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> *Id*, *ibid*.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> TORODOV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros*. Petrópolis: Vozes, 2010.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 225 (Novo Testamento)

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> DROIT, op. cit.

de linho e numa casaca de peles de rato cosidas... Um capacete ou um barrete lançado para trás e peles de bode enroladas nas pernas peludas completam este equipamento. Seu calçado, cortado sem forma nem medida, não lhes permite marchar; isto explica por que são incapazes de combater como infantes, enquanto que, uma vez na sela, dir-se-ia estarem pregados no dorso de seus cavalinhos feios, mas infatigáveis e rápidos como o raio... Nada iguala sua destreza de disparo, a distâncias prodigiosas, das flechas dotadas de ossos pontiagudos, tão duros e mortíferos como o ferro.<sup>22</sup>

Com ênfase na ausência de civilidade dos hunos, Marcelino anunciou uma associação comum, mesmo séculos depois, entre Oriente e natureza. Porque ignoravam o uso dos principais ícones da civilização – habitações sedentárias, casas, roupas –, os bárbaros relacionavam-se com a natureza através de uma simbiose. Misturados ao ambiente natural, constituíam ameaça ao império graças ao potencial destrutivo da falta de consciência civil.

Essa associação não foi nenhuma novidade para o mundo no século IV. O próprio Estrabão, no século I a.C, descreveu a Gália como uma região em vias de evolução. Isso porque seus habitantes estavam abandonando hábitos selvagens, como ignorar a higiene, dormir ao chão e viver exclusivamente da caça.

Descende da técnica, fundamentalmente, o reconhecimento do processo civilizatório, pois o domínio do homem sobre a natureza é o que comumente o distingue dela e o reveste de cultura. Neste sentido, Estrabão celebrou a "evolução" da Gália ao mesmo tempo em que destaca a influência positiva dos romanos para a região. Foi a ausência da técnica, ainda, que determinou, de acordo com Estrabão, o maior índice de barbárie entre os vizinhos da Gália, os bretões: "[apesar de] disporem de grande quantidade de leite, eles não sabem fazer queijo". <sup>23</sup>

Apesar da aparente dissolução da oposição entre bárbaros e civilizados a partir da difusão do cristianismo, no crepúsculo da Antiguidade, a origem do Orientalismo remonta ao campo do estudo erudito medieval. Em 1312, o Conselho da Igreja de Viena deliberou sobre a necessidade do estabelecimento de cátedras em árabe, grego, hebraico e siríaco nos domínios eclesiásticos europeus.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> MARCELINO. *ap.* CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações*. Tomo III. São Paulo: Difel, 1958. p. 91.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> ESTRABÃO. ap. TODOROV, op. cit. p. 47.

A partir de então, foram criados campos de estudo pautados na unidade geográfico-cultural do Oriente e, até a metade do século XVIII, todos os estudiosos eram ligados diretamente à erudição bíblica, especialistas em línguas semíticas, religião islâmica ou sinologia.

Ainda que o Orientalismo esteja longe de dedicar atenção exclusiva ao islamismo, boa parte da compreensão ocidental sobre o Oriente esteve pautada na sistematização da religião que mais ameaçou a hegemonia do cristianismo, inclusive nos domínios do velho continente. Desde a morte de Maomé, em 632, os domínios políticos e territoriais do islã árabe cresceram avassaladoramente.

Articulador religioso, mas fundamentalmente político, com a fundação do islamismo Maomé foi o grande responsável pela unificação das tribos árabes, até então sujeitas às tradicionais divisões em clãs originárias dos beduínos e sua peregrinação pelo deserto peninsular.<sup>24</sup>

De nômades, politeístas e por vezes rivais, os árabes do limiar do século VII transformaram-se numa grande potência militar e, depois, cultural que se impôs sobre a Europa cristã e outros domínios. Pérsia, Síria, Egito, Turquia e mais tarde Espanha, Sicília, fragmentos da França e ainda, entre os séculos XIII e XIV, Índia, Indonésia e China foram engolidos pelo avanço islâmico durante a chamada *Jihad*.<sup>25</sup>

Entre o medo e a reverência, pouco disseram os autores cristãos medievais a respeito da erudição cultural muçulmana, que desde pelo menos o século IX já parecia residência irreversível em território europeu. No século XI, Erchembert, clérigo do Monte Cassino, descreveu os exércitos orientais como "um enxame de abelhas, mas com mão pesada [...] devastavam tudo".<sup>26</sup>

Odiado não exatamente pela diferença, mas por uma semelhança paradoxal com o cristianismo, o islã tornou-se objeto de repúdio pela "ousada" familiarização: o monoteísmo, o profeta, o apocalipse, e assim por diante. De acordo com a lógica orientalista, o significado de Maomé para os islâmicos tem sido, para a ótica ocidental, o mesmo de Jesus para os cristãos, como denunciou Norman Daniel. Visto como cópia malfeita e descarada da "verdadeira fé", o islamismo pouco ou nada pôde ser

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> ARMSTRONG, Karen. *Maomé, uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> SOUZA, Marina de Mello. África e Brasil Africano. São Paulo: Ática, 2007.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> ERCHEMBERT. ap. SAID, op. cit. p. 98.

compreendido pelo Ocidente a partir de seus próprios valores, mas sim pela atribuição maniqueísta deste espelho manchado pela relação de estranhamento e codificação.<sup>27</sup>

Graças à tendência em enxergar o islamismo cada vez menos a partir de suas próprias características e cada vez mais a partir do cristianismo para ele mesmo, Daniel sustenta que o Oriente tornou-se, por fim, uma imagem:

A tendência invariável a desconsiderar o que o Alcorão queria dizer, ou o que os muçulmanos achavam ou faziam em quaisquer circunstâncias, implica necessariamente que a doutrina corânica e outras doutrinas islâmicas fossem apresentadas numa forma que convenceria os cristãos; e formas cada vez mais extravagantes teriam uma chance de aceitação, quanto maior fosse a distância dos escritores e do público em relação à fronteira islâmica. Foi com relutância muito grande que aquilo em que os muçulmanos diziam acreditar foi aceito como aquilo que realmente acreditavam. Havia uma imagem cristã em que os detalhes foram abandonados o menos possível, e em que o contorno geral nunca foi abandonado. Havia nuances de diferença, mas só com uma estrutura comum. Todas as correções feitas no interesse de uma precisão cada vez maior eram apenas uma defesa do que fora recentemente percebido como vulnerável, o escoramento de uma estrutura enfraquecida. A opinião cristã era uma edificação que não podia ser demolida, nem que fosse para ser reconstruída.<sup>28</sup>

Na *Divina Comédia* de Dante, marco literário do século XIV, a representação de Maomé foi pautada por uma combinação justaposta de realidade secular e imaginário cristão. Caminhando entre paraíso, purgatório e inferno, Dante conferiu aos personagens do romance uma série de atribuições arraigadas aos princípios de uma visão razoavelmente singular de juízo final.

Antes de chegar aos fiéis do Islã, Dante circulou por uma lista de pecadores mais ou menos insignificantes, entre lascivos e blasfemos. No canto 28 do Inferno, Maomé está inscrito na categoria de *seminator di scandalo e di scisma*, irretocavelmente partido ao meio, da cabeça ao ânus, em posição semelhante a Judas e demais falsificadores e traidores da civilização cristã.<sup>29</sup>

Além de Maomé, outros muçulmanos também foram punidos com o Inferno, mas com um grau de desproporcionalidade gritante. Ao lado de personagens lendário-

-

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> DANIEL, Norman. *Islam and the West*: the making of an image. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1960.

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> DANIEL. ap. SAID, op. cit. p. 99-100.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> SAID, op. cit.

históricos, sofreram castigos mesmo honrosos por não terem tomado consciência da revelação cristã. Entre eles, estão Heitor, Abraão, Enéas, Sócrates e tantas figuras anteriores ao nascimento de Cristo.<sup>30</sup>

O que a justaposição de muçulmanos e pré-cristãos tem a revelar é a compreensão ligeira do pensamento cristão sobre o Oriente, que adquiriu cada vez mais ares de antiempirismo. Encerrados na própria origem e no próprio destino, os muçulmanos estiveram encerrados no exercício de uma função alojada no interior da percepção moral cristã.

Já no final do século XVII, a *Bibliothèque Orientale*, de d'Herbelot, criou um extenso panorama do Oriente a partir de verbetes de A a Z. Maomé foi descrito com todos os ares de um Orientalismo arraigado na ideia de confirmar o que já se via instalado na Europa:

É o famoso impostor Maomé, Autor e Fundador de uma heresia, que adotou o nome da religião que chamamos de maometana.

Os Intérpretes do Alcorão e outros Doutores da Lei Muçulmana ou Maometana deram a esse falso profeta todos os elogios que os arianos, os paulicianos e os paulianistas & outros Hereges atribuíram a Jesus Cristo, roubando-lhe a Divindade.<sup>31</sup>

Da erudição ao imaginário popular, o Orientalismo disseminou na Europa alguma vontade de intervenção manifestada pelos intelectuais com um afinco cada vez maior. "Perigo" iminente ao projeto universalista cristão, o islamismo foi alvo de conferências eruditas, como a de meados do século XV, com João de Segóvia, Nicolau de Cusa, Jean Germain e Aeneas Silvius, cujo objetivo final era a conversão espontânea dos muçulmanos através de um projeto de convencimento menos oneroso do que a guerra.

O empreendimento não funcionou, mas o contato cada vez mais próximo com o Oriente Próximo resultou no desenvolvimento de habilidades específicas no trato com uma ameaça que parecia inequívoca ao Ocidente amedrontado, em grande partes graças à expansão das fronteiras conhecidas até então a partir das Grandes Navegações.

A contar pelo famoso erro de Colombo na chegada às ilhas Guanaani, a relação da Europa com a América muito tem a revelar sobre sua já milenar relação com o

 $<sup>^0</sup>$  Id. ibid.

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> D'HERBELOT. ap. SAID, Edward W. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 106.

Oriente. A partir de 1492, a noção de um império do diabo demonstrou-se cada vez maior para Europa. Se até então o Maligno esteve refugiado nas Índias desde a propagação do cristianismo no Velho Continente, a chegada dos espanhóis ao Novo Mundo definiu a América como verdadeiro palco do seu reinado absoluto.<sup>32</sup>

Nas palavras de Edmundo O'Gorman, o verdadeiro nome da América deveria ser "Nova Europa". Isso porque todo o entendimento a respeito do Novo Mundo esteve pautado num exercício constante de leituras sobre o então desconhecido território a partir de uma prática já exaustivamente conhecida do etnocentrismo europeu. Neste sentido, "a invenção da América" está muito mais ligada ao preenchimento de antigos dogmas cristãos do que à prática empirista. 33

Longe do contato entre iguais, o encontro entre Velho e Novo mundo esteve baseado no rechaço ao Outro nativo, entendido por Colombo como categoria intermediária entre o homem e os animais. De acordo com Beatriz Pastor, há, nos europeus, antes de tudo, uma estratégia comercial de desumanização dos indígenas, comumente descritos como pobres, desnudos e desarmados.<sup>34</sup>

Esse processo de "ficcionalização" esteve acompanhado, é claro, da ideia constante de demonização da população indígena, encerrada no universo bipolar da lógica cristã. Diante da luta radical de eliminação da idolatria, mesmo o uso de termos extraídos de idiomas indígenas ou sua tradução foram evitados pelos europeus diante do alto investimento do demônio nelas.<sup>35</sup>

Na língua, nas práticas, compreensão alguma da Europa sobre a América neste contexto repousou de outro modo senão na obcecada luta pelo fim da idolatria. Vice-rei de 1569 a 1581, no Peru, Francisco de Toledo redescobriu, sistematizou e reagrupou os argumentos teológicos sobre a prática como justificativa inequívoca da ação espanhola diante do "pecado contra a natureza humana", responsável pela produção de barbáries indissociavelmente ligadas à idolatria, como a antropofagia, sacrifícios humanos, sodomia e bestialidade. <sup>36</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>32</sup> DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> O'GORMAN, Edmundo. *La invención de la América*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> HURBON, Laënnec. *El bárbaro imaginario*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

<sup>35</sup> DELUMEAU, Jean. op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> *Id*, *ibid*.

Humanista e cronista real, Sepúlveda utilizou, no século XVI, as premissas de Aristóteles para reforçar a ideia de submissão daqueles cuja predisposição natural é a de obedecer aos outros através da escravidão. Em Democrates alter, o autor justificou a superioridade conquistadora dos europeus diante da "inferioridade natural" dos indígenas.

> Com a prudência, a inteligência, a grandeza de alma, a temperança, a humanidade e a religião destes homens, esses sub-homens nos quais mal se encontram traços de humanidade, que não só têm nenhum saber, mas também não têm o uso nem o conhecimento da escrita, não conservam nenhum monumento histórico salvo uma vaga e obscura lembrança das coisas consignadas em certas pinturas, nenhuma lei escrita, mas certas leis e costumes bárbaros.<sup>37</sup>

Consagradas ao diabo e não às divindades locais – pois a compreensão europeia não poderia interpretar de outra forma –, as oferendas incas, assim como outros desvios, justificavam a soberania do rei ibérico, que passou a recebê-las.

Diante da concepção missionária do cristianismo em terras tomadas pelo mal, em pleno limiar do século XIX, François-René de Chateaubriand destacou que

> Sin el cristianismo el naufragio de la sociedad y de las Luces habría sido total. [...] El cristianismo salvó a la sociedad de una destrucción total al convertir a los bárbaros y al recoger los despojos de la civilización de las artes, del mismo modo como habría salvado al mundo romano de su propria corrupción.<sup>38</sup>

Como destacou Hurbon, pôr fim às superstições nativas significou pragmaticamente para o cristianismo o fim do infanticídio, da ausência de lei matrimonial, da anarquia e da ignorância. Ainda que distantes da "superioridade europeia", os "cristãos selvagens" seriam pelo menos desbarbarizados por uma dose de civilização ocidental.

Antes de qualquer intervenção, no entanto, a imagem europeia do índio americano consistiu na paisagem virgem de uma natureza selvagem, corrompida, no entanto, pelas "imperfeições" do politeísmo:

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> SEPÚLVEDA ap. DELUMEAU, op. cit. p. 387-388.

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> CHATEAUBRIAND. ap. HURBON, Laënnec. p. 35.

El politeísmo, religión de todas maneras imperfecta, podia pues convenirle a esta estado imperfecto de la sociedad, puesto que cada amo era uma espécie de magistrado absoluto cuyo terrible despotismo sujetaba al esclavo em su obligación, y remplazaba com cadenas la carência de fuerza morla religiosa: el paganismo, desprovisto de suficiente excelencia para hacer virtuoso al pobre, se veia obligado a abandonarlo como um malhechor.<sup>39</sup>

No século XVI, não faltaram registros do náufrago Hans Staden, aprisionado em terras tupinambás e testemunha ocular de uma realidade pouco conhecida, mas há muito tempo imaginada por uma projeção enraizada por séculos de "experiência" europeia em terras orientais. Com efeito, pode-se dizer que a compreensão incipiente do Velho Continente sobre a América esteve baseada pela imagem criada sobre o Oriente. Desta forma, Staden descreveu os índios como selvagens, traiçoeiros, perigosos e briguentos:

[...] Depois começaram a brigar por minha causa; um deles dizia ter sido o primeiro a me achar, o outro, que tinha me capturado. Enquanto isso, os outros batiam em mim com os arcos, e finalmente dois deles me levantaram do chão, onde eu estava estendido completamente nu; um deles me segurou por um braço, o segundo pelo outro, alguns à minha frente, outros atrás de mim, e assim caminharam rapidamente comigo pela floresta em direção do mar, onde estavam suas canoas.<sup>40</sup>

Alguns meses depois do edito de Filipe III, que, em 1609, expulsou os mouros da Espanha, começou no Peru a grande campanha pela brutal eliminação da idolatria nas terras do "Novo Oriente". De um lado ou de outro do Atlântico, o combate aos "traidores da Igreja" se desdobrou em tantas frentes quanto possível no momento em que a Inquisição mais atuou. Não havia tempo para permitir-se que a idolatria tomasse conta da América como tomou nos antigos domínios europeus.

Não é por acaso que a relação de verossimilhança América/Oriente espanta. Nenhuma outra ameaça fez-se tão presente quanto a onda de invasões muçulmanas, lideradas pelos otomanos que, a partir do século XIV, dilataram periodicamente o império turco, imprimindo uma série de derrotas cristãs: Kosovo (1389), Nicópolis

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> CONSTANT. ap. ap. HURBON, Laënnec. p. 37.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> STADEN, Hans. *Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. São Paulo: Terceiro Nome, 1999. p. 53-54.

(1396), Constantinopla (1453), Trebizonda (1461), Egito (1517), Belgrado (1521), Mohacs (1526) e as ilhas do Egeu (1462-1571).<sup>41</sup>

Na Europa do século XVI, o sultão turco dominou dois terços da Hungria, os Bálcãs, Transilvânia, Moldávia e Valáquia, que lhe pagavam tributos. Após a queda de Constantinopla, no coração do já esfacelado há muito Império Bizantino, Aeneas Sylvius Piccolomini, futuro papa Pio II, lamentou:

No passado fomos feridos na Ásia e na África, isto é, em países estrangeiros. Mas agora somos atingidos na Europa, em nossa pátria, em casa. Objetar-se-á que já outrora os turcos passaram da Ásia para a Grécia, os mongóis mesmo se estabeleceram na Europa e os árabes ocuparam uma parte da Espanha após terem transposto o estreito de Gibraltar. Mas jamais havíamos perdido uma cidade ou uma praça comparável a Constantinopla.<sup>42</sup>

Antes mesmo das invasões, no entanto, a situação que vivia a Europa não favorecia em nada qualquer resolução de paz no campo. Aliás, de acordo com Fernand Braudel, uma verdadeira revolução social serviu de precedente fundamental para o sucesso dos turcos na região dos Bálcãs. Violentos distúrbios camponeses assolaram a península no período anterior imediato às invasões e facilitaram a emigração deste contingente para domínios turcos. 43

Nenhum momento foi tão decisivo para o processo de construção da ideia de Oriente para o Ocidente, no entanto, do que aquele que originou o redirecionamento da expansão europeia sobre o mundo, a partir do século XVIII, concentrado nos continentes africano e asiático.

Acompanhado por 18 mil soldados, Napoleão Bonaparte chegou à cidade do Cairo em 18 de julho de 1798, mas não sem um exército de intelectuais responsáveis pelo fichamento de um Oriente, segundo o imperador, incapaz de autogoverno. Filha do *Institut* – criado pelo próprio general francês –, a *Description de l'Egypte* publicou, entre 1809 e 1828, nada menos que 23 suntuosos volumes compostos por traduções, descobertas e apropriações que fascinaram a França diante de um Oriente finalmente posto às claras. Com a desculpa de garantir aos "amigos muçulmanos" peregrinação

-

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> DELUMEAU, Jean. op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> PICCOLOMINI. ap. DELUMEAU, Jean. op. cit. p. 399.

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Felipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

segura à Meca, Napoleão fixou bandeira no Egito, trucidou resistências locais e antecipou um século posterior vital aos interesses da Europa, sobretudo diante de África e Ásia.

No final de julho de 1907, Balfour – a voz da Inglaterra sobre o Oriente durante grande parte do século XIX – discursou frente à Câmara dos Comuns pela concessão da generosa aposentadoria de 50 mil libras para ninguém menos do que, segundo ele, o *criador* do Egito: Evelyn Baring, o lorde Cromer. Cônsul-geral do Império Britânico no Egito, Cromer usou a experiência como validação para o discurso orientalista e, consequentemente, justificativa para o controle inflexível dos ingleses sobre a terra dos faraós. De acordo com Cromer, o oriental não é outra coisa senão um sujeito completamente desapegado à lógica, que sente uma necessidade transparente de intervenção coletiva externa.

Entre 1815 e o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a Europa expandiu seu domínio direto de 35% para 85% do planeta. E, à mesma medida que se impôs territorialmente sobre o Oriente, o Orientalismo conquistou a opinião pública. Como conhecimento científico, a disciplina transformou-se num instrumento potente de dominação. Durante todo o século XIX, verteram publicações sobre o Leste a partir de análises históricas, sociológicas, filológicas, etnológicas, entre tantas, à disposição do neocolonialismo europeu.

Ainda que a primeira tradução do Corão remonte ao século XII, pouco se avançou nos meios acadêmicos ocidentais para a compreensão efetiva dos textos sagrados islâmicos até o século XVII, quando foram criadas as cadeiras de árabe nas universidades de Paris, Leiden, Oxford e Cambridge. Mais tarde ainda, no século seguinte, em Bengala, sir William Jones estabeleceu a Sociedade Asiática para o estudo das culturas muçulmana e hindu. Silvestre de Sacy, estudioso francês, deu início a uma grande linhagem de pesquisadores e professores dedicados ao tema.<sup>44</sup>

Essa tradição se estendeu rapidamente para outras gerações e países. Como destacou Albert Hourani,

Papel especial no surgimento dessa tradição foi desempenhado por estudiosos de língua alemã, na Alemanha e no Império dos Habsburgo, que viam a religião e a cultura do Islã com mentes formadas pelas

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

grandes disciplinas culturais da época: história da cultura, estudo da continuidade do desenvolvimento humano de uma época e povo para outros; filologia comparativa, que tentava estabelecer a história natural e as relações de família das línguas, e de culturas e personalidades coletivas expressas através delas; a aplicação de métodos críticos aos textos sagrados, para revelar o desenvolvimento inicial de tradições religiosas.<sup>45</sup>

Com a bagagem de todo o arcabouço material reunido e sistematizado sobre os costumes do Oriente, surgiu a ciência da Antropologia. Um pouco mais adiante, coube à Arqueologia o trabalho de descobrir e interpretar as relíquias dos assentamentos humanos às margens do Nilo, do Tigre e do Eufrates, no alvorecer das civilizações, muito antes do surgimento do Islã. 46

Mais do que enxergou, o Orientalismo recriou o Oriente conforme uma tendência não inaugurada, mas radicalmente reforçada pelo iluminismo no século XVIII e que justificou, de antemão, o regime colonial em desenvolvimento. A preocupação de Kant com o mapeamento civilizatório da humanidade criou uma verdadeira rede de generalizações relacionadas para a classificação fisiológico-moral das etnias – selvagens, europeus, asiáticos, etc. –, evidenciando o oriental como estado humano primitivo nesta escala evolutiva. De acordo com Renan, a raça semítica está para a indoeuropeia como o lápis está para a pintura.

Confortavelmente escalado no topo deste processo de evolução, o europeu civilizado teria como principal missão "revelar" certa matéria obscura – porque primitiva – produzida pelo Oriente ao longo da história. É como se o Orientalismo Moderno representasse a ponte pela qual a distância entre ambos seria fatalmente reduzida. Sobretudo no domínio filológico e lexicográfico, os estudos comparativos multiplicaram-se a partir das descobertas de línguas asiáticas antigas, como o sânscrito ou os hieróglifos egípcios.<sup>47</sup>

O interesse pelo Oriente como espaço exótico – dos haréns, das mil e uma noites, etc. – reforça também certo aspecto biológico interessante sobre sua existência.

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> *Id, Ibid.* p. 394.

<sup>46</sup> Id. Ibid

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Simpático, fantástico e curioso, o Oriente primitivo revelado tornou-se misterioso, sensual e, numa palavra, feminino.<sup>48</sup>

Sob este prisma, a imaginação romântica europeia criou um verdadeiro culto ao passado e produziu a representação de um oriente misterioso e obscuro, que atraía à mesma medida que amedrontava. Traduções e imagens das "Mil e uma noites" foram incorporadas à herança ocidental enquanto inspiravam, assim como outras obras orientais, a literatura europeia. "Westöstliche Diwan", conjunto de poemas de Goethe sobre temas islâmicos, está nesta lista ao lado de "O Talismã", de sir Walter Scott, que fez de Saladino um cavaleiro medieval. 49

Nas artes, a "descoberta" – seguida de apropriação – foi ainda maior. No desenho de prédios e nas pinturas de Ingres e Delacroix, o estilo oriental apontou a capacidade de sedução deste Oriente belo e perigoso como a natureza. Como um herói selvagem, o árabe era representado nestas imagens entre a sedução das mulheres dos haréns e as ruínas de uma grandeza antiga em decadência. 50

Durante todo o século XVIII, o Orientalismo transformou-se num acontecimento secular que suplantou o saber exclusivamente religioso a respeito do Oriente e a razão, sempre ela, atuou como instrumento legitimador de um domínio antes intelectual do que territorial. Diante da missão de colocar o Orientalismo numa base científica e racional, o que fizeram os intelectuais na transição entre os séculos XVIII e XIX foi, na sua essência, achatar o aspecto humano do Oriente ao que todas as leituras preliminares esperavam dele. Traços gerais dramatizados, números reduzidos: a ordenação das representações sobre o oriental está para a história do Oriente como uma forma de compreensão e, certamente, controle sobre o estranho.

De acordo com Freud,<sup>51</sup> o estranho causa horror por pelo menos dois motivos interdependentes. Não-familiar, o desconhecido provoca estranhamento pelo seu potencial ameaçador e, por escapar à compreensão, é acolhido pela repulsa. Mais do que

<sup>50</sup> Id, ibid.

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> De acordo com a voz ressonante de Rousseau na filosofia setecentista, a mulher cultivada é simplesmente uma praga diante de todos, e mil vezes uma educada de forma simples e grosseira do que uma sábia e cultivada. Id, ibid. Jean Delumeau aborda a questão da mulher nos saberes entre os séculos XIV e XVIII de maneira minuciosa em DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã. In: \_\_\_\_\_. História do medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 462-522.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> HOURANI, Albert. op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> FREUD, Sigmund. O estranho. In:\_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud* (vol. XVII). São Paulo: Imago, 1977.

isso, o estranho é também sinônimo de ameaça por trazer à luz aquilo que, recalcado pelo inconsciente, é revelado como espelho do familiar indesejado.

"Primitivo", "feminino", "estranho", o oriental foi uma espécie de espelho maldito do ideal de homem da cultura ocidental, como se o "civilizado" estivesse de frente para o seu reflexo animalesco do tempo das cavernas, defasado por séculos de atraso.

De acordo com Hegel,<sup>52</sup> a humanidade caminha historicamente como numa marcha: uníssona e regular. Grandes civilizações do Oriente Próximo – surgidas às margens dos rios Nilo, Tigre e Eufrates na região da Crescente Fértil – teriam sido simplesmente a aurora de todo processo civilizatório, completado por sua vez pelo Ocidente. Para Hegel, a história da humanidade consiste num *deslocamento* do Oriente para o Ocidente. Transformado numa coisa, o Oriente tornou-se aos olhos da filosofia da história hegeliana natural como uma existência empírica, tal como qualquer outro objeto: o sol, o céu, o mar, as flores. Sob este prisma, o Oriente está lá, sem história nem sentido próprios. Sua marcha histórica está encerrada e o preenchimento disto é o Ocidente.<sup>53</sup>

Sob a premissa da filosofia da história, a missão dos árabes já havia sido cumprida com a preservação do pensamento grego. Não lhes cabia o papel de dar continuidade a este processo, regido em especial a partir do Humanismo pelos europeus. De acordo com a filologia, aqueles que organizavam seus pensamentos através das línguas semíticas eram incapazes da racionalidade que um projeto de tamanha grandeza demandava. <sup>54</sup>

É a partir da analogia que o estranho torna-se inteligível e, em definição, domesticado pelo olhar de quem vê. Quando o célebre navegador português Vasco da Gama pisou pela primeira vez num templo hindu, não podia compreender as esculturas de Brahma, Vishnu e Shiva de outro modo senão uma versão indiana da Santa Trindade cristã. <sup>55</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> HEGEL, Georg W. F. Fenomenologia do espírito. V. I. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>&</sup>lt;sup>53</sup> CHAUÍ, Marilena. A construção do "oriente" e os fundamentalismos. In: CLEMESHA, Arlene (org.). *Edward Said*: trabalho intelectual e crítica social. São Paulo: Editora da Casa Amarela, 2005. p. 39-43.

<sup>&</sup>lt;sup>54</sup> HOURANI, Albert. op. cit.

<sup>&</sup>lt;sup>55</sup> Assim, o jesuíta São Francisco Xavier descreveu o imperador japonês do século XVI como uma espécie de "papa" oriental. BURKE, Peter. Estereótipos do outro. In: \_\_\_\_\_. *Testemunha ocular*: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004. p. 153-174.

A leitura do Outro, além de pautada a partir da assimilação – como fez da Gama –, também constrói consciente ou inconscientemente o exótico exatamente como o inverso da cultura que observa. Desta forma, Heródoto apresentou o Egito Antigo como oposto à cultura grega, pois as mulheres urinavam sentadas e não em pé; os homens carregavam suas cargas na cabeça e não nos ombros; e os textos eram escritos da direita para a esquerda. A canção medieval de Rolando<sup>56</sup> anunciou muçulmanos adorando uma trindade infernal formada por "Apolo", "Muhammad" e "Termagant".<sup>57</sup>

Como obra do inconsciente ou da razão, o fato é que o Orientalismo gerou um surpreendente consenso, da direita à esquerda – passando pelos escritos religiosos e literatos –, de que, como enfatizou Karl Marx, "eles (os orientais) não podem representar a si mesmos; devem ser representados." Para a produção incipiente de Marx, o Oriente esteve mais à ilustração de uma teoria do que para um espaço dotado de valores e sentidos próprios.<sup>58</sup>

O Orientalismo, por sua vez, não teve como fundamento lógico de existência a ideia de simplesmente racionalizar um regime colonial em pleno século XIX. Apesar de utilizado também como finalidade prática de controle territorial, o grande trunfo do Orientalismo consistiu na fundação de uma ordem ocidental capaz de acreditar que tem como missão o desenvolvimento de uma autoridade intelectual sobre o Oriente, inclusive muito tempo depois da emancipação política e econômica do Leste subjugado durante o Neocolonialismo.

Ao longo de todo o século XX, o Oriente passou por um processo de libertação que, por sua vez, esteve acompanhado do auge do Orientalismo anglo-francês. De acordo com Edward Said, até meados da Segunda Guerra Mundial havia uma tendência generalizada de que o intelectual orientalista correspondesse a certa lógica generalista nas suas declarações sobre o Oriente. Até este período,

o orientalista seria compreendido (e compreenderia a si mesmo) como alguém que faria uma declaração sobre o Oriente como um todo, resumindo-o. Assim, todo estudo separado sobre um pouco do material oriental também confirmaria de modo resumido a profunda

<sup>&</sup>lt;sup>56</sup> "A Canção de Rolando" é uma composição de autor desconhecido do século XI em francês antigo. Disponível em http://www.hs-augsburg.de/~harsch/gallica/Chronologie/11siecle/Roland/rol\_ch00.html. Acesso em 20 out. de 2013.

<sup>&</sup>lt;sup>57</sup> id, ibid.

<sup>&</sup>lt;sup>58</sup> id, ibid.

orientalidade do material. E, como se acreditava em geral que o Oriente era todo entrelaçado de um modo profundamente orgânico, fazia sentido em termos hermenêuticos perfeitamente aceitáveis que o erudito orientalista considerasse que a evidência material examinada conduziria, em última análise, a uma melhor compreensão de coisas como o caráter, a mente, o etos ou a visão de mundo dos orientais.<sup>59</sup>

Mesmo que a orientalidade do oriental continuasse sendo o fim e o princípio de qualquer descrição para caracterizá-lo, o motivo de suas classificações dialogou cada vez mais com as motivações imperialistas europeias neste contexto. Ainda em 1899, uma passagem de Snouck Hurgronje pode servir como exemplo desta tendência:

a lei, que na prática tinha de fazer concessões cada vez maiores ao uso e costumes do povo e à arbitrariedade de seus governantes, retinha ainda assim uma influência considerável sobre a vida intelectual dos muçulmanos. Por isso continua a ser, e ainda é também para nós, um importante tema de estudo, não somente pelas razões abstratas ligadas com a história da lei, da civilização e da religião, mas também para fins práticos. Quanto mais íntimas se tornam as relações da Europa com o Leste muçulmano, quanto mais países muçulmanos caem sob a suserania da Europa, mais importante é para nós, europeus, tomar conhecimento da vida intelectual, da lei religiosa e do substrato conceitual do islã. 60

Mais do que um mero clichê acadêmico, para Hurgronje a clivagem entre Ocidente e Oriente significava a relação de poder historicamente constituída entre os dois. Neste sentido, o conhecimento sobre o Oriente era o instrumento que reforçava esta relação de suserania.

No período entre guerras, a fundamentação natural do domínio ocidental sobre o Oriente já não era aceita sem contestações, tampouco a ideia de que a iluminação do Ocidente sobre os orientais era indubitavelmente necessária.

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe mudanças importantes para a estrutura da relação entre Ocidente e Oriente, sobretudo no que diz respeito às práticas imperialistas. Além das grandes despesas com o conflito, a ascensão dos EUA e da URSS e a mudança da opinião pública sobre o tema colocaram fim nos domínios neocolonialistas de Inglaterra e França sobre os países árabes, que ainda viram a criação do Estado de Israel como símbolo de uma nova hegemonia política do Ocidente.

<sup>&</sup>lt;sup>59</sup> SAID, Edward. Orientalismo. op. cit. p. 343.

<sup>&</sup>lt;sup>60</sup> HURGRONJE. *ap.* SAID. p. 343-344.

Ao que tudo indica, o primeiro registro do termo "Terror" pertence a um contexto muito anterior às primeiras associações com os árabes. "A menina dos olhos" dos grandes meios de comunicação de hoje pode ser encontrada já como terminologia firmemente aplicada no auge da efervescência revolucionária jacobina na França do final do século XVIII. Calcula-se que algumas dezenas de milhares de franceses tenham sido submetidos à guilhotina graças a atuação do Comitê de Segurança Nacional, encarregado de manter a ordem da revolução burguesa a qualquer custo.

Liderado por Robespierre, o Partido Jacobino não poupou esforços para garantir a legitimidade das transformações estruturais realizadas pelo Estado, tais como a proclamação da república, a mudança no calendário, a separação finalmente oficial entre Estado e Igreja – a instituição da Deusa da Razão como símbolo deste rompimento – e o silenciamento dos jornais opositores que haviam lutado, inclusive, pela queda de Luís XVI e da dinastia Bourbon na França.

Para o secretário-geral da ONU Kofi Annan, o terrorismo é qualquer forma de violência contra civis que busque intimidar povos, organizações ou governos.<sup>61</sup> De acordo com o Departamento de Estado estadunidense,

o termo terrorismo designa violência premeditada, politicamente motivada e perpetrada contra alvos não combatentes por grupos independentes ou agentes clandestinos, geralmente com o fim de exercer influência no público. 62

De fato, a preocupação com a violência marginal tornou-se uma espécie de obsessão do Ocidente. Pelo menos a partir do surgimento da Modernidade, o Terrorismo passou a ser utilizado como instrumento de propaganda das resistências mais diversas.

A partir do século XIX, sob a face eminente da Modernidade, o terror passou a ser visto como ato de violência constituída "de baixo para cima". Fundamentalmente, os modelos de terrorismo empregados desde então estiveram baseados tanto na reação

<sup>&</sup>lt;sup>61</sup> Declaração feita no ano de 2005. MORETTI FERNÁNDEZ, Luciana. Hiperterrorismo e mídia: o terrorismo no processo de comunicação política. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP, São Paulo, 2005.

<sup>&</sup>lt;sup>62</sup> UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE, 2002, p. 17. *ap. id, ibid.* Tradução da autora.

quanto na antecipação de uma ordem vigente estabelecida. Por excelência, a prática do terror se manifestou como um desafio indissociável ao Leviatã.

Diante do processo de mecanização e substituição da mão-de-obra humana pela máquina, o primeiro movimento organizado de trabalhadores operários surgiu frente a este problema pragmático: destruir máquinas para que o cerne da produção voltasse a se concentrar nas mãos do trabalhador. Desde Ned Ludd, a partir de 1812, na Inglaterra, o movimento ludista aterrorizou patrões para que imediatamente substituíssem suas máquinas pelo trabalho humano. Como dizia o anúncio anônimo de 1818 fixado nas ruas de Clermont, na França,

Não queremos destruir a vossa fortuna, mas se não arranjardes maneira de nos dardes trabalho, não poderemos deixar de atentar contra vós e contra as máquinas. (...) Se ao fim de 8 dias não retirardes as lãs das máquinas para dar trabalho a 500 pessoas que vos batem à porta e para as quais nem sequer vos dignais olhar, não vos espantei se virdes um levantamento cair sobre vós e sobre as máquinas, de tal modo sofremos, pobre operários, por nós e nossos filhos. 63

Em 1881, o grupo revolucionário *Narodnaya Volga* (Vontade do Povo) foi responsabilizado pela morte de Alexandre II, czar da Rússia, que passeava pelas ruas de São Petersburgo de carruagem quando foi atingido por duas bombas seguidas. Após diversas tentativas de assassinato de Alexandre III, seus líderes foram presos e executados. Dentre eles, estava Alexandre Ulianov, irmão mais velho de Vladmir Lênin.

Carlo Piscane, um dos líderes republicanos do *Risorgimento* italiano para a unificação da península, na segunda metade do século XIX, defendeu a tese inequívoca da "propaganda pelos fatos". <sup>64</sup> Em 1867, um grupo de Fenianos – movimento radical pró-libertação da Irlanda frente à Grã-Bretanha – assaltou um carro da polícia em Manchester e libertou os colegas presos depois de matar a tiros os agentes penitenciários. Em reação, o governo britânico prendeu indiscriminadamente alguns

.

<sup>&</sup>lt;sup>63</sup> Disponível em http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=22088&cat=Artigos. Acesso em 10 out 2011.

<sup>&</sup>lt;sup>64</sup> MORETTI FERNÁNDEZ, op. cit.

integrantes do movimento que, em represália, bombardeou um presídio de Londres, deixando pelo menos 100 feridos, todos eles sem qualquer relação com os atentados. <sup>65</sup>

De acordo com o Estado de Natureza descrito por Thomas Hobbes, diante do mal absoluto, a melhor defesa sempre consiste no ataque antecipado, sufocante, intimidador e paralisante de resistências. Diante de um Estado paranoico pela antecipação, o terrorismo é nutrido pela fome de responder à "violência legítima" aplicada previamente pelo Estado e é fundado graças à sensação deste controle de fato exercido. Esta confusão pode ser mais ou menos dividida em duas vertentes de terror: o Terrorismo de Estado e o Terrorismo Partisan.

Sob a perspectiva de Noam Chomsky, pode-se entender o Terrorismo de Estado como aquele que age fundamentalmente sob a premissa de legitimação do Estado constituído – ou em formação – a partir de si mesmo mediante minorias, grupos opositores ou quaisquer focos de possível resistência – ainda que não articulada – no seu próprio interior, em desacordo com tribunais internacionais ou, inclusive, com seu próprio código de leis. <sup>67</sup> O Terrorismo de Estado pode ser encarnado como oficial, encontrado no massacre de Tutsis em Ruanda ou na dizimação da vila de Katyn, na Polônia, pelo Exército Vermelho Soviético. Mediante a impossibilidade do contrato social legitimador do Estado por consentimento, a atuação desta forma de terrorismo visa então forçar a estabilidade buscada pelo Estado.

Neste âmbito, é possível entender o Terrorismo Partisan como indissociavelmente ligado ao Terrorismo de Estado à medida que o primeiro corresponde a uma espécie de reação ao segundo, e o segundo como parte de uma antecipação do primeiro, sendo mutuamente utilizados como forma de justificativa. Isso porque o Terrorismo Partisan foi fundado sob a necessidade de reagir ao controle do Estado ou de determinada concessão deste mediante infindas possibilidades de resistência, motivadas por interesses coletivos diversos, como nacionalismo, separatismo, etnocentrismo, fanatismo religioso, etc.

<sup>&</sup>lt;sup>65</sup> BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Crime político e terrorismo: alguns aspectos. Disponível em: http://historiadocapi.com.br/especial/bandeira/crime\_politico\_e\_terrorismo\_alguns\_aspectos.htm. Acesso em 10 out. 2011.

<sup>&</sup>lt;sup>66</sup> LATTMAN-WELTMAN. Terror e mídia: história e economia simbólica no limiar do século XXI. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 41-63, 2003.

<sup>&</sup>lt;sup>67</sup> CHOMSKY, Noam. 11 de setembro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Ao longo do século XX, o terrorismo encontrou diversas formas de manifestação. Ao lado dos Estados fascista e soviético, o terror foi alicerce na construção das experiências totalitárias, reações ao modelo liberal vigente sob a égide da Modernidade. O terrorismo partisan manifestou-se a partir dos *freedom fighters*, na busca pelas independências das colônias africanas e asiáticas pós-Segunda Guerra Mundial, nas alianças entre grupos europeus de esquerda e extremistas orientais (Exército Vermelho Alemão + Nacionalistas Palestinos; Palestinos + IRA), nos grupos separatistas oriundos do desmantelamento da URSS e em seitas religiosas das mais desconhecidas.<sup>68</sup>

No século XX, frente às transformações que borbulharam o Ocidente durante todo o século anterior, o fundamentalismo islâmico surgiu como reação à "degradação moral" do Oriente, liderando revoluções na Ásia e na África que formassem governos ditatoriais e que correspondessem à preservação dos costumes tidos como "bons". Num certo sentido, o combate liderado pelos árabes fundamentalistas viu o "progresso civilizatório do Ocidente" como um conjunto de "tentações de Satã" a seus seguidores. 69

De todos os eventos em foco, pelo menos um elemento em comum pode ser encontrado em todos os movimentos de Terrorismo Partisan: a publicidade. De fato, a essência da atividade terrorista engendra sua necessidade intrínseca de impacto real, mas, sobretudo, simbólico. De acordo com Laqueur, "o sucesso da operação terrorista depende quase que exclusivamente da quantidade de publicidade que recebe", <sup>70</sup> pois sua finalidade é, indiscutivelmente, além de destruir aquele que incomoda, alertar sobre a possibilidade de novos ataques, gerando assim o medo generalizado. Neste sentido, os meios empregados para o objetivo final de um grupo terrorista pouco importam diante dos seus fins, quase sempre associados à justiça social.

Com efeito, é possível dizer que a relação entre terrorismo e mídia é simbiótica: não há qualquer tipo de impacto terrorista se não há cobertura. Margaret Thatcher chegou a afirmar que os veículos de comunicação são o "oxigênio de publicidade" de qualquer atentado.<sup>71</sup>

<sup>70</sup> LAQUEUR, ap. MORETTI FERNÁNDEZ, op. cit. p. 46.

<sup>&</sup>lt;sup>68</sup> MORETTI FERNÁNDEZ, op. cit.

<sup>69</sup> id ibid

<sup>&</sup>lt;sup>71</sup> MORETTI FERNÁNDEZ, op.cit.

De acordo com Lattman-Weltman, o Terrorismo Partisan está fiel ao seu compromisso panóptico com a publicidade. A ação terrorista partisan, de grupos, precisa de todos os elementos usados pela mídia para que aconteça. Afinal, que mensagem político-religiosa um atentado de grande porte teria, não fosse a capacidade moderna da divulgação que Guttemberg jamais poderia imaginar? Com efeito, o terrorismo é filho da expressividade midiática, da sua produção e, claro, do seu consumo. A relação entre mídia e atentados terroristas é indissociavelmente simbiótica: ao mesmo tempo em que atende aos interesses das empresas de comunicação, atende ao desejo de atenção dos líderes terroristas no processo de construção do ato.

Na busca incessante pelo despertar do medo, os atentados terroristas que assombraram os séculos XX e XXI tornaram-se também progressivamente inesperados e com alvos cada vez mais anônimos. O sequestro do voo da El Al pela Frente Popular para a Libertação da Palestina, em 1968, parece ter inaugurado esta nova modalidade de terror. Em vez de grandes líderes políticos, personalidades marcantes, a estratégia agora objetivava duplo sentido prático: sequestrar anônimos envolvia uma dificuldade muito menor do que famosos, e o impacto causado nestas ocasiões poderia ser ainda maior.

O fator surpresa potencializa a percepção do risco à medida que fundamenta sua ação sobre pessoas comuns que pouco ou nada têm a ver com as reivindicações norteadoras dos movimentos terroristas. Como destacou Luciana Moretti Fernández em "Hiperterrorismo e mídia: o terrorismo no processo de comunicação política", dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação na USP: "quando as vítimas deixam de ser cabeças escolhidas para ser qualquer transeunte, a percepção do risco para o cidadão comum é bem maior". 72

Neste sentido, o bioterrorismo parece ter contribuído de forma sem precedentes para o sentimento de caos. Apesar do pavor que qualquer ameaça nuclear pode trazer, as ameaças biológicas radicalizaram ainda mais o problema da aleatoriedade graças à potencialização da imprevisibilidade, da letalidade e do poder de propagação dos ataques. É neste contexto que simples rumores alimentam a incerteza geral e a paranoia.<sup>73</sup> O bioterrorismo surgiu como um tipo de problema absolutamente novo: é

-

<sup>&</sup>lt;sup>72</sup> *id*, *ibid*. p. 83

<sup>&</sup>lt;sup>73</sup> *id, ibid.* Durante os ataques com antraz, a mídia brasileira explorou o risco de ataques bacteriológicos no país. As poucas evidências e a obsessão pela propagação da notícia geraram reportagem ácida da Revista Carta Capital de 24/09/2001.

imprevisível e terrível como desastres naturais, mas ao contrário deste último, não tem necessariamente o mesmo aspecto de começo, meio e fim. As catástrofes tóxicas, sobretudo graças a seu poder de propagação, agem em progressão geométrica.<sup>74</sup>

Seja qual for a mensagem veiculada, o terrorismo na esfera pública tornou-se cada vez mais dinâmico. Dos modelos de espaço público que conhecemos, <sup>75</sup> a sociedade em rede contemporânea fomenta o cultivo das relações múltiplas que, por sua vez, geram isolamento psicológico, profunda sensação de insegurança e debilidade no interior de uma vasta rede de negociações que são simbólicas.

A emergência das redes sociais através dos grupos de microidentidades contribuiu para as ações terroristas na medida em que, cada vez mais, grupos cada vez menores ou até mesmo indivíduos tenham suas manifestações amplificadas em velocidade progressiva. Neste sentido, o espaço público emergiu não como estrutura, mas como processo nesta construção. Não por acaso, o Terrorismo Partisan contemporâneo é principalmente encontrado no sistema de mídias de sociedades democráticas pela grande probabilidade de projeção de suas exigências e de impacto de grande escala às sensibilidades.

Já nas preocupações de Charles Baudelaire a respeito do "empobrecimento da experiência", a cidade passou a ser entendida como elemento privilegiado de vivências da modernidade, carregada de uma massa de corpos sem rostos das multidões.<sup>76</sup>

Os principais olhares da modernidade se ocuparam, principalmente, em tentar compreender o indivíduo, tecnicamente, para fins criminológicos. Quando Michel Foucault analisou os mecanismos de controle e normatização das prisões aos moldes de Bentham e do encarceramento moderno dos regimes burgueses/aburguesados do século XIX, atentou aos discursos de representação médico-legais que buscavam compreender as faces por trás da delinquência.<sup>77</sup>

<sup>75</sup> Pelo menos três referências parecem obrigatórias para a discussão que consiste em compreender a evolução do conceito de espaço público, e duas delas são anteriores ao contexto forjado pela modernidade. De acordo com Monzón, o espaço público grego clássico manifestava-se como espaço político através das discussões na Ágora. Como resposta ao absolutismo, o espaço público burguês/iluminista do século XVIII via cafés, tertúlias e saraus como espaço de questionamentos/contestações de prestação de contas do poder. *id, ibid.* 

<sup>&</sup>lt;sup>74</sup> MORETTI FERNÁNDEZ, op.cit.

<sup>&</sup>lt;sup>76</sup> BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire*: um lírico no auge do capitalismo (Obras escolhidas, v. 3). São Paulo: Brasiliense, 1989.

Ver, sobretudo: FOUCAULT Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2001; \_\_\_\_\_. A evolução na noção de indivíduo perigoso na psiquiatria legal do século XIX. In.: *Ditos & escritos* – Ética, sexualidade, política (vol. 5). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003; \_\_\_\_\_ (org). Eu, Pierre Rivière, que degolei

Sob o olhar da produção historiográfica dos anos 1980 de Heloísa de Faria Cruz, subjacente a esta perspectiva classificatória, houve na grande São Paulo da virada para o século XX – sua "matrícula" na modernidade, agora sob o status de metrópole – uma preocupação mantenedora da ordem, que por sua vez permitiria ao mercado as condições ideais de sua existência a partir de aparatos legais de combate à vadiagem, referentemente relacionada à desrazão.<sup>78</sup>

Não por acaso, o século XIX inaugurou uma verdadeira caçada pelo indivíduo, que teve o rosto cada vez menos distinguido pela formação das metrópoles, com núcleos urbanos cada vez mais superpovoados. A invenção do Registro de Identidade, a descoberta da impressão digital, o uso da fotografia e demais recursos de identificação procuraram dar conta de, na mesma medida em que fomentar o crescimento acelerado das cidades, garantir as individualidades cada vez mais em risco face à Modernidade.

Do investimento nos hospitais psiquiátricos à reformulação do conceito de educação, o aparelho do Estado buscou clarear seus indivíduos nas clássicas separações "normal/anormal", "trabalhador/delinquente", "racional/irracional", etc. O mapeamento realizado procurou dar conta de antecipar eventuais desvios de conduta.

A noção de Outro, de Sigmund Freud, não foge à civilização moderna. De fato, ela duplica o estranhamento também a uma experiência coletiva, na medida em que é esta repulsa que determina o controle dos impulsos do Outro. Esta mesma modernidade da ordem é aquela que indissociavelmente renegou seu "estado natural" de existência, em nome do tão sonhado progresso. Desta forma, sua válvula de escape manifestou-se inclusive no processo de construção do outro/desviante, sublimada na experiência dos genocídios, *a priori* desprovidos de razão, mas justificados por ideais diversos de nação, pátria e, ele mesmo, o progresso.<sup>79</sup>

Com efeito, é possível dizer que o Outro sempre existiu. Em bandos, os primeiros homens se locomoveram organizados com mecanismos de alteridade que tinham um propósito bastante simples: sobreviver. Desde o controle pelas margens do Rio Nilo, passando pelo desenvolvimento da concepção de "bárbaro" para os romanos

minha mãe, minha irmã e meu irmão. Rio de Janeiro: Graal, 1977. Neste último, um caso de parricídio e fratricídio do século XIX chocou autoridades e leigos, do sul ao norte da França. Sem claros sinais de loucura nos crimes, Pierre Rivière atendeu aos pedidos desesperados de peritos: de descrever como e, afinal de contas, **porque** assassinar friamente sua mãe e seus irmãos, de 18 e 7 anos de idade.

<sup>&</sup>lt;sup>78</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. Mercado e polícia – São Paulo, 1890/1915. In: *Revista Brasileira de História*. Curitiba, v. 7, n 14, pp. 115-130, mar./ago. 1987.

<sup>&</sup>lt;sup>79</sup> FREUD, Sigmund. op. cit.

antigos até o delinquente contemporâneo, o Outro é temido como aquilo que foge à compreensão e, portanto, representa perigo. Mais do que isso, o *unhemlich* é odiado coletivamente por representar aquilo que a humanidade não é mais. Evoluída pelos valores do progresso, a civilização repudia coletivamente os árabes em grande parte porque neles enxerga a ausência deste "salto" e, por conseguinte, a permanência nas amarras da barbárie no alvorecer da espécie.

Esta sociedade do trabalho, que é também da disciplina e da razão, a partir do século XIX, vez ou outra remete à Kant sua existência por intermédio da consciência de "maioridade"<sup>80</sup>. Não por acaso, o estranho à *civilitè* não é outro senão, com efeito, o vadio, o indisciplinado ou o louco – dentre outras classificações subtópicas.<sup>81</sup> Se a linha de Kant para o alcance do esclarecimento é ascendente – por meio da razão –, não restou outra alternativa a esta modernidade sedenta pela vitória sobre a "menoridade" do que disciplinar o outro, considerado delinquente em potencial, desprovido de racionalidade.

No coração do maior centro econômico do mundo, onde o progresso escancarou sua realização plena, duas torres caíram, e com elas desabaram nossa capacidade de apreensão concreta da realidade. Não se tratava de uma "guerra civil" entre progresso *versus* progresso, pois, de fato e ao pé da letra, as torres não caíram; elas, sim, foram derrubadas. E tão logo se percebeu o horror da falibilidade deste progresso, o mecanismo de alteridade foi acionado diretamente, ao vivo e em cores.

Pouco depois da veiculação de que a primeira torre do World Trade Center havia sido atingida pelo primeiro *Boeing* 767 vindo de Seattle, os suspeitos já estavam mapeados. Ao vivo e atônita, a cobertura matinal da TV Globo, que interrompeu a tradicional programação infantil, afirmou, na manhã de 11 de setembro de 2001:

Bem, a última informação que nós temos, a única até agora, sobre alguém que tenha assumido esse atentado foi divulgada pela agência Reuters, falando num grupo palestino, né, que teria assumido a autoria

<sup>81</sup> Grifo porque o Outro está indissociavelmente ligado ao desprovimento da consciência de trabalho, da disciplina e da razão, seja por meio da delinquência, do simples delírio ou da sua própria existência, no sentido físico do termo; haja visto a criminologia italiana de mapeamento de características estereotipas não obstante relacionadas ao **outro**.

<sup>&</sup>lt;sup>80</sup> KANT, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In:\_\_\_\_\_. *Textos Seletos.* 2. ed. (Trad.) Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

deste ataque. Uma televisão recebeu um telefonema da Frente Democrática para a Libertação da Palestina. Essa é uma informação extraoficial.<sup>82</sup>

Através da repórter Zileide Silva, na mesma noite, o Jornal Nacional informou:

[...] Eu tenho mais uma informação aqui... que a inteligência americana... está... tá difícil, a gente tá recebendo essas informações ao vivo... que a inteligência americana conseguiu interceptar mensagens de... *Osama Bin Laden* sobre os ataques. Essa é a última informação que nós estamos *acabando* de receber aqui no escritório da TV Globo de Nova Iorque. Fátima.<sup>83</sup>

Não poderia ser qualquer um. Para o além da capacidade racional da contemporaneidade, estava a completa cegueira sobre os prováveis provedores do "Maior Atentado de Toda a História". E rapidamente o mecanismo de ataque foi acionado. Na chamada de abertura do principal telejornal das Organizações Globo, grupos palestinos foram exibidos comemorando o evento. A presença da vinheta ao fundo, e as imagens anteriores, criaram uma atmosfera de morbidez extrema. Fátima Bernardes, no segundo bloco, afirmou, com convicção: "o maior suspeito é árabe", <sup>84</sup> seguida de várias informações sugestivas de fontes que informam outras fontes e agora estavam disponíveis ao público.

A civilização precisava apontar, e mais do que isso: apontou, mapeou e até deu nome, Osama Bin Laden. Mais uma vez, portanto, o evento não se tratava do conflito entre lados de uma mesma moeda, mas de duas e completamente distintas faces simbolizadas através do velho jargão "bem *versus* mal". O termo "horror" (e suas variantes horrível, horroroso, etc.) foi repetido à exaustão nas coberturas jornalísticas.

Inconcebível seria imaginar o horror levado a cabo pela própria *civilitè*. Para tanto, estava a barbárie, representada a partir do modelo clássico do "extremismo fundamentalista islâmico". Como em 1995, no atentado sobre o prédio do governo federal norte-americano em Oklahoma, que matou 168 pessoas depois da explosão de

Cobertura ao vivo dos atentados, TV Globo, disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=W8eIaD138yI&feature=related. Acesso em 10 out. 2009.

<sup>&</sup>lt;sup>83</sup> Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=8UI1jQOObKM&feature=related. Acesso em 13 out. 2009

<sup>&</sup>lt;sup>84</sup> Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=hXfheFwbMyY&feature=related. Acesso em 13 out. 2009

um carro bomba, "árabes extremistas" foram instantaneamente associados à desrazão desta barbárie. <sup>85</sup>

Representado pela sua expressividade religiosa – islâmica – ou simplesmente pela heresia da negação ao corpo e à vida através do suicídio, a linguagem do Terrorismo Partisan circulou nos meios de comunicação como absolutamente ausente de significado, por sua potencialidade irracional.

A primeira vinheta da "CNN" após os atentados de 11 de setembro dizia: "America Under Attack" (América Sob Ataque), inflamando os espectadores sob o prisma de uma guerra real já em curso. Nos Estados Unidos ou no Brasil, as manchetes de 12 de setembro sugeriam a eminência de um conflito inevitável. O "The Daily Telegraph" estampou em letras garrafais "War on America" enquanto o "Zero Hora", de Porto Alegre, dizia "O Terror Ataca" ambos apoiados pelas imagens já repetidas a esmo pela televisão no dia anterior. O jornal matinal "A Folha de S. Paulo" reorganizou a configuração de seus cadernos tradicionais para dedicar atenção especial ao que chamou em destaque de "MAIOR ATAQUE DA HISTÓRIA", logo abaixo do incomum cabeçalho que cravava os dizeres "Guerra na América". 88

12.000 mortos foram anunciados inicialmente nos atentados, até os primeiros cálculos apresentarem índices menos alarmantes: primeiro 10.000, depois 6.000 e, finalmente, dados oficiais anunciam os arredores de 3.000 tombados.

A capa da "Folha de S. Paulo" de 10 de abril de 2003 trouxe imagens sobrepostas da estátua de Saddam Hussein sendo derrubada em Bagdá e de iraquianos festejando com soldados norte-americanos durante a cerimônia. As legendas foram claras, "tropas são recebidas com festa", apontando claramente para um curso de aceitação da presença ocidental no Oriente Médio. 89

Apenas seis dias após o atentado, o "Clear Chanmel", com mais de mil retransmissores por todos os EUA, listou 150 músicas de guerra ou de paz, sugerindo sua não veiculação, como "Imagine", de John Lennon. Rex Rabin, cartunista do jornal

http://2.bp.blogspot.com/\_hqFI6hdgO0E/S5CDQcnK\_SI/AAAAAAAAAAADY/2kMlCXAlRCk/s1600-h/torre.jpg. Acesso em 03 mar. 2010.

<sup>&</sup>lt;sup>85</sup> Na ocasião, algum tempo depois o FBI encontrou o verdadeiro responsável, o estadunidense Timothy McVeigh.

<sup>&</sup>lt;sup>86</sup> Disponível em: http://reengenhando.blogspot.com/2009/11/jornal-impresso-noticias-historicas.html. Acesso em 04 mar. 2009.

<sup>&</sup>lt;sup>87</sup> Disponível em:

<sup>88</sup> FOLHA de S. Paulo: primeira página. 6 ed. São Paulo: Publifolha, 2006. p. 226.

<sup>&</sup>lt;sup>89</sup> FOLHA de S. Paulo. op. cit. p. 232.

"Sacramento Bee", foi severamente atacado por colegas jornalistas ao publicar uma ilustração com as torres gêmeas servindo de pano de fundo para a famosa imagem da menina vietnamita Kim Phuc correndo nua das bombas despejadas indiscriminadamente pelo exército norte-americano nos anos 60.

O presidente da "CNN", Walter Isaacson, exigiu de seus correspondentes internacionais que "equilibrassem" as imagens de civis afegãos mortos com lembretes de que o Taleban insistia em abrigar terroristas. Em entrevista ao "Washington Post", declarou ser "perverso" retratar as mortes dos afegãos. Tal instrumento poderia, de acordo com ele, servir de "plataforma de propaganda" dos inimigos dos Estados Unidos. George W Bush Junior pediu, e os magnatas da mídia norte-americana atenderam: para impedir a propagação de mensagens codificadas, não deveriam ser divulgados, na íntegra, os discursos de Osama Bin Laden. <sup>90</sup>

De desmoralizado texano vencedor de eleições duvidosas nos EUA, Bush Junior passou a presidente de fato no momento em que anda pelos escombros do World Trade Center, em meio aos berros de operários que bradavam "U-S-A!". O clima de guerra contribuiu, num piscar de olhos, para a consolidação de uma reforma política a fins de utilizar "todos os recursos necessários" para combater o terrorismo: Bush conseguiu unanimidade no Senado e apenas um voto contra na Câmara dos Deputados. <sup>91</sup>

Em 2003, antes ainda da presença no Iraque na "guerra contra o terror", 350 bilhões de dólares foram gastos em defesa nacional. Além da presença no Afeganistão, em 2003, o exército estadunidense partiu para o Iraque sob a pretensão de encontrar armas de destruição em massa. Mesmo sem encontrá-las, em 2009, com tropas no Afeganistão e no Iraque, dos \$3,1 trilhões gastos previstos pelo Estado norte-americano, \$515,4 bilhões foram destinados para armamentos. <sup>92</sup>

Sobre a "promíscua relação entre mídia e poder", na primeira metade da última década, José Arbex Jr. demonstrou como a empreitada militar do Ocidente na guerra ao terror só foi possível graças a outra, encabeçada pelo jornalismo, em consonância com o

<sup>&</sup>lt;sup>90</sup> Enquanto vendia a imagem de neutralidade e objetividade, os principais meios de comunicação da América praticamente ignoraram a destruição de instalações da rede de comunicações árabe Al-Jazira em Cabul. Meses depois Ariel Sharon, primeiro-ministro de Israel, determinou a destruição das emissoras de rádio e televisão da Autoridade Palestina. ARBEX Jr., José. *O jornalismo canalha:* a promíscua relação entre mídia e poder. São Paulo: Casa Amarela, 2003.
<sup>91</sup> id. ibid.

<sup>&</sup>lt;sup>92</sup> BARBER, Benjamin R. O Império do Medo: guerra, terrorismo e democracia. Rio de Janeiro: Record, 2005.

discurso oficial da Casa Branca, contaminado também por uma nova retórica religiosa, tal qual aquela que fez de Maomé a personificação do anti-Cristo.

Se a queda do Muro de Berlim permitiu que a Casa Branca explorasse ao máximo a euforia dos vencedores, proclamando a ideologia neoliberal como o triunfo final sobre a história, o ataque terrorista de 11 de setembro fez soar os tambores da vingança imperial, travestida de ira sagrada. Bush, ao fazer o seu primeiro discurso após o atentado, convocou uma "cruzada" sintetiza com exatidão (coisa raríssima, em se tratando de Bush) o pensamento da equipe da Casa Branca. A própria ideia de norteadora da estratégia de política externa da Casa Branca – de resto, primária –, segundo a qual existia um "Eixo do Mal" a ser destruído, explicita a concepção fundamentalista de política alimentada por Bush e seus assessores. Significativamente, milhões de evangélicos da seita de Bush, Born-again Christian, ou cristão renascido, uma das mais ativas e fanáticas, contando cerca de 70 milhões de adeptos, iniciaram uma campanha para fazer da música *God Bless America*, de Irving Berlin, o hino oficial dos Estados Unidos. 93

Apoiando as medidas antidemocráticas de Bush durante este nova cruzada, os periódicos norte-americanos publicaram séries de artigos e colunas que potencializavam o estado de sítio instalado pela guerra ao terror na primeira metade da década passada. Em 05 de novembro, logo após os atentados sobre as torres gêmeas, Jonathan Alter, da revista *News-week*, disse, no artigo "É hora de pensar em tortura", que "é um mundo novo, e a sobrevivência pode muito bem requerer velhas técnicas que estavam fora de questão". 94

No editorial de 23 de outubro de 2001 do *Wall Street Journal*, intitulado "Segurança vem antes da liberdade", grandes líderes de outrora da nação americana foram evocados para uma série de associações que tinham por fim justificar ações de austeridade diante do perigo do inimigo árabe: mesmo sem enfrentar uma séria ameaça subversiva interna, John Adams, Abraham Lincoln, Woodrow Wilson e Franklin Delano Roosevelt não hesitaram em decretar medidas rudes durante a guerra. O jornal lembrou que o próprio Roosevelt recolheu todos os japoneses em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, ainda que 70% deles tivessem plena cidadania americana. <sup>95</sup>

<sup>93</sup> ARBEX Jr., José. op. cit. p. 33

<sup>&</sup>lt;sup>94</sup> ALTER. *ap. Id, ibid.* p. 34

<sup>&</sup>lt;sup>95</sup> *Id*, *ibid*.

Dahlia Lithwick, da revista virtual *Slate*, disse que "torturar terroristas e seus asseclas para obter informações é algo que funciona". No programa Crossfire, da CNN, o analista Tucker Carlson disse que "a tortura é ruim", mas "que algumas coisas são piores. E, em determinadas circunstâncias, pode ser o menor dos males". O advogado e teórico da Universidade de Harvard, Alan Dershowitz, considerado um dos maiores defensores das liberdades civis nos EUA, usou Israel como exemplo de organização estatal que tem o sistema judiciário como a principal autoridade que delibera sobre o uso da violência para a obtenção de confissão, da mesma forma que faz com mandados de busca ou escuta na maioria das democracias ocidentais. <sup>98</sup>

Ainda que o uso da tortura não tenha sido exclusividade da guerra ao terror islâmico do século XXI, a retórica que a sustentou esteve sustentada, em grande parte, numa repulsa precedente do Oriente condenado à barbárie. Richard Lewis, professor britânico radicado nos Estados Unidos desde os anos 1970, cravou que "a Europa será muçulmana daqui até o fim do século". Vindas deste intelectual, a sentença não poderia atingir outros ares que não os de alarde. De acordo com Emir Sader, foi Lewis quem "destacou-se pelo apoio incondicional às políticas governo de Israel, pelas justificativas que encontrou na repressão dos militares turcos, pelo desconhecimento do genocídio armênio". 99

Com a eleição de Bush, em 2000, Richard Lewis tornou-se um importante conselheiro da presidência, papel que lhe rendeu uma série de honrarias dos neoconservadores norte-americanos. Em Tel Aviv, Paul Wolfowitz discursou para o homenageado: "Bernard Lewis nos ensinou a entender a complexa e importante história do Oriente Médio e a utilizá-la para nos guiar na próxima etapa, a fim de construir um mundo melhor para as novas gerações". <sup>100</sup>

Sob o olhar de Lewis, a intervenção estadunidense no Iraque seria marcada pela reconstrução democrática de um novo país, ao passo que as tropas ocidentais seriam recebidas como libertadores pelos locais. Seu discurso reproduziu a noção hegeliana novecentista de que o mundo árabe parou numa posição de confronto ao Ocidente

100 WOLFOVITZ. ap. id, ibid. p. 36.

<sup>&</sup>lt;sup>96</sup> LITHWITCK. ap. Id, ibid. p. 34.

<sup>&</sup>lt;sup>97</sup> CARLSON. ap. Id, ibid. p. 34

<sup>98</sup> Id. ibid

<sup>99</sup> SADER, Emir. Said: de civilizações e barbáries. In: CLEMESHA, Arlene (org.). *Edward Said*: trabalho intelectual e crítica social. São Paulo: Editora da Casa Amarela, 2005. p. 36-38. p. 38.

"civilizado", justificada pelo fato de que "os ressentimentos atuais dos povos do Oriente Médio podem ser melhor compreendidos quando percebemos que eles resultam não de um conflito entre Estados ou nações, mas do choque entre duas civilizações". <sup>101</sup>

Diante desta mesma lógica, a hostilidade dos árabes em relação aos ocidentais paira na ideia de que pontos nevrálgicos na construção da civilização moderna simplesmente passaram batido pelos orientais, como o Renascimento, a Reforma, Revolução Industrial, o capitalismo e a democracia. Lewis chegou a afirmar que seria mais do que improvável um islâmico ouvir Mozart ou Brahms. 102

Em reposta, Edward Said disse que "o coração de Lewis sobre o Islã é o de que este não mudará nunca, que toda abordagem política, histórica ou acadêmica dos muçulmanos deve começar e terminar pelo fato de que os muçulmanos são muçulmanos". <sup>103</sup>

Com as revoltas árabes, que se seguiram a partir do final de 2010, os indícios apresentados pelo discurso ocidental foram de que, senão o Islã, o mundo árabe mudou. O que não mudou tanto assim foram as bases deste mesmo discurso, em grande medida ainda ligados aos fundamentos do Orientalismo moderno.

<sup>&</sup>lt;sup>101</sup> LEWIS. *ap. id, ibid.* p. 37.

 $<sup>^{102}</sup>$  Id, ibid.

<sup>&</sup>lt;sup>103</sup> SAID. *ap. id, ibid.* p. 37

## 2. A PRIMAVERA ÁRABE SOB O OLHAR ORIENTALISTA

O final da última década trouxe marcas profundas para as antigas estruturas de poder que formaram o mundo árabe desde o processo de descolonização, reforçado a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Com o enfraquecimento econômico e militar de Inglaterra e França, além das demais potências imperialistas, a rede de influências da Guerra Fria encontrou pouso num Oriente Médio politicamente vulnerável. 104

Fonte de inestimáveis recursos para a indústria, sobretudo a automobilística, a região tornou-se fonte da cobiça de norte-americanos e soviéticos – sobretudo dos primeiros – num conflito que atingia o auge da sua tensão. Apesar das independências, os novos governos formados nas nações árabes foram avalizados por Washington que, quando pôde, escolheu a dedo seus colegas chefes de estado para a administração de um novo mundo árabe, a partir dos anos 1950. <sup>105</sup>

Depois décadas no poder, desgastadas pelos altos índices de corrupção – escancarados pelo *Wikileaks* –, desemprego – sobretudo entre jovens – e inflação, e pela irrisória perspectiva de abertura política de lideranças truculentas com a oposição, as revoltas árabes sacodiram o mundo ao mesmo tempo em que diversos movimentos sociais pipocaram também o Ocidente.

Em 2010, após 23 anos ininterruptos no poder, Zine al-Abidine Ben Ali foi derrubado, na Tunísia, depois de uma forte rebelião popular ocasionada após a autoimolação do jovem Mohamed Bouazizi. Desempregado e impedido de vender verduras na rua pela polícia por não ter licença para trabalhar, Bouazizi ateou fogo no

<sup>104</sup> HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>&</sup>lt;sup>105</sup> *Id*, *ibid*.

próprio corpo em praça pública, desencadeando um misto de comoção e revolta que ocasionou a chamada "Revolução de Jasmim".  $^{106}$ 

No Egito, Khaled Said foi espancado e morto pela polícia depois de ter sido preso, acusado de ter divulgado, pelas redes sociais, um vídeo em que autoridades negociavam propina pela apreensão de drogas. O clima de comoção rapidamente se alastrou e, a partir de junho de 2010, uma página no Facebook foi criada com o título "We are all Khaled Said" compartilhada em massa pela juventude do país. 108

A ação nas redes preocupou tanto as autoridades egípcias que as operadoras de telefone foram obrigadas a enviar mensagens públicas de apoio ao presidente e os serviços de internet foram cortados. Em fevereiro do ano seguinte, com as ruas tomadas pela população, especialmente concentrada na Praça Tahir, epicentro dos protestos, Hosni Mubarak finalmente cedeu e pôs fim a uma era de nada menos que 3 décadas no poder.

Enfatizado pela cobertura midiática ocidental, o papel das novas mídias ocupou função protagonista nos levantes. E, de fato, seria impossível ignorar a sua importância diante deste fenômeno avassalador no Oriente Médio e na África Setentrional. Além de permitirem a cobertura em tempo real dos acontecimentos, as novas tecnologias também acionam a potencial sede de imagens que vivem as sociedades contemporâneas.

Desta forma, as redes sociais tornaram-se grandes palcos e agentes multiplicadores das rebeliões que se sucediam pelo mundo árabe. Os aparelhos celulares tornaram-se grandes armas nas mãos da população, que podia mostrar não apenas o volume das manifestações como também cenas assustadoras da violência policial. De acordo com Tarcisio Torres Silva,

Imagens nesses contextos são produzidas e consumidas com o corpo inteiro. Um manifestante empurra o policial para conseguir o melhor ângulo de filmagem. Em resposta, o policial o empurra de volta. Ele cai no chão, mas continua gravando. A câmera é dada para outro manifestante que termina de gravar a cena filmando seu colega sendo arrastado pelos pés e preso pela polícia. Em minutos, um *link* é publicado no Twitter e a multidão na manifestação o acessa por meio das telas *touch screen* de seus *smart phones*. Não é apenas o olho que

108 SILVA, Tarcísio Torres. Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais. op. cit.

SILVA, Tarcísio Torres. Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais. Revista Galáxia, São Paulo, n. 23, p. 35-47, jun. 2012.

Disponível em: http://www.facebook.com/#!/elshaheeed.co.uk. Acesso em 02 jan. 2013

produz e consume essas imagens, é o corpo todo que está imerso na experiência de recepção. A mão carrega a câmera, o corpo dribla obstáculos, se arrisca em ações performáticas em busca da melhor posição.

Mesmo para aqueles que não estavam no local onde essas hipotéticas imagens foram gravadas, há algo nelas que as transforma em poderosos instrumentos afetivos. São elementos de ordem estética que exploram o visível e a forma de captação e distribuição das imagens. Elas atingem de forma particular uma audiência que as consome de maneira individual por meio de aparelhos eletrônicos pessoais.

No interior das batalhas campais contra o governo, os aparelhos eletrônicos pessoais também puderam trazer legitimidade ao discurso dos rebeldes que, acima de tudo, pareciam substituir ali o papel das mídias tradicionais, absolutamente incapazes de chegar tão perto do foco destes conflitos.



Figura 1. Telefone móvel ilumina mão ferida durante manifestação no Egito (Créditos: Khaled Desouki/Afp/Getty Images) http://www.flickr.com/photos/39700167@N05/5471113226

A imagem da figura 1 foi produzida justamente durante o mês de fevereiro de 2011. Utilizado como instrumento médico, o aparelho celular iluminava a mão de um manifestante que passava por cuidados emergenciais, visivelmente improvisados. Ao

mesmo tempo, outro aparelho fotografava toda a cena e a divulgava nas redes sociais, através do site *Flickr*.

The most amazing vídeo on the internet #Egypt #jan25<sup>109</sup> é, até hoje, um dos mais populares vídeos sobre as manifestações. A postagem exibe imagens fantásticas de manifestantes correndo ou exibindo seus corpos feridos, policiais perseguindo, bombas explodindo e cenas exclusivas dos confrontos, além de momentos contagiantes de união entre si diante da mão opressora do Estado.

Em novembro de 2011, a Universidade de Washington analisou mais de 3 milhões de tuítes relacionados às revoltas na Tunísia e no Egito. De acordo com Philip Howard, chefe da pesquisa do Projeto sobre a Tecnologia da Informação e o Islã Político, grandes protestos foram precedidos por picos de tuítes e diálogos on-line. Na Tunísia, 1 a cada 5 blogs referia-se ao governo no dia de sua queda, 4 vezes mais do que o habitual um mês antes. Em apenas 2 meses, foram mais de 13 mil tuítes com a hashtag #sidbouzi, referência à província que deu início aos protestos no país. Já no Egito, a hashtag #egypt foi utilizada 2,3 milhões de vezes entre 14 de janeiro e 24 de março. 110

Se, por um lado, a cobertura ao vivo e gerada pelos próprios rebeldes foi compartilhada como nunca nas redes sociais e o papel da grande mídia parecesse secundário, por outro a cobertura dos grandes periódicos do Ocidente reforçou os traços de um Orientalismo bem longe do mesmo destino de Ben Ali e Mubarak.

Sites de relacionamento como o *Twitter* ou o *Facebook* figuraram mais do que como instrumentos práticos de comunicação e articulação de ideias trocadas pelos próprios jovens revoltosos; pareceram aqui bandeiras *motoras* dos movimentos em cadeia.

Mesmo em 2009, logo depois da série de protestos contra a contestada reeleição de Mahmoud Ahmadinejad, no Irã, o Washington Times classificou o movimento como

<sup>109</sup> Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=ThvBJMzmSZI. Acesso em 02 mar. 2014

<sup>&</sup>lt;sup>110</sup> HOWARD, Philip *et. al.* Opening Closed Regimes: what was the role of the social media during the arab spring? Disponível em: http://pitpi.org/wp-content/uploads/2013/02/2011\_Howard-Duffy-Freelon-Hussain-Mari-Mazaid\_pITIP.pdf. Acesso em 20 mar 2014.

"Revolução Twitter". <sup>111</sup> Sobre a queda de Mubarak, no Egito, falou-se em "Revolução do Facebook". <sup>112</sup>

## Rebeldes armados!

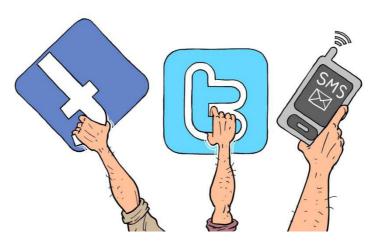


Figura 2. Ilustração de Jeff Danziger. Revista Piauí, 2011

Quando Hosni Mubarak foi derrubado, em fevereiro de 2011, e a onda de contestações no mundo árabe se alastrou – em maior ou menor grau – na Mauritânia, Bahrein, Iêmen, Líbia, Síria, Argélia e Jordânia, foi inaugurado um movimento transnacional aparentemente irreversível de combate ao despotismo não muito estranho à história do Ocidente.

Como alusão às revoluções europeias de 1848-49, logo os movimentos tornaram-se uma espécie de "versão árabe" da Primavera dos Povos, que fechou o caixão do Absolutismo no velho continente. A agora batizada "Primavera Árabe" pelo Ocidente pareceu ter inflado um clima de otimismo quase tão eufórico quanto efêmero e que logo demonstrou as mais arraigadas facetas de um Orientalismo bem distante do óbito.

O governo norte-americano veio a público para manifestar solidariedade à junta militar de transição, cumprimentando o "espírito democrático" dos jovens egípcios,

<sup>&</sup>lt;sup>111</sup> Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ira-e-a-webrevolucao. Acesso em 20 mar 2014.

Disponível em: http://midiassociais.net/2011/02/por-que-nao-considerar-a-crise-politica-no-oriente-medio-uma-revolucao-facebook/2011/. Acesso em 20 mar 2014.

ainda que Mubarak fosse abastecido com mais de 1 bilhão de dólares anualmente pelos americanos para a manutenção de uma relação íntima com Israel<sup>113</sup>. Como se o Ocidente estivesse sempre ali, junto aos movimentos rebeldes, nenhum pedido de desculpas pelas três décadas de apoio ao regime deposto foi encaminhado. Robert Gibbs, secretário de Imprensa da Casa Branca, transformou a vitória dos rebeldes em saudação ao Movimento Verde no Irã e ameaça à Ahmajinejad, inimigo nº 1 de Washington.<sup>114</sup>

Apesar de reconhecer a especificidade histórica dos movimentos, Perry Anderson afirmou publicamente uma relação entre três *precedentes* da primavera dos árabes: as guerras de libertação das colônias hispano-americanas (1810-25), a Primavera dos Povos (1848-49) e o esfacelamento do regime soviético (1989-91)<sup>115</sup>. O historiador norte-americano Robert Darnton estampou manchete numa porção de jornais ao cravar que as revoltas árabes "ecoam 1789". <sup>116</sup>

A herança deixada pelo etnocentrismo europeu sobreviveu à quebra de tantos paradigmas que transformou a "história do mundo" num movimento coeso e implacável, dotado de sentido lógico que, fundado pela Europa, tem percorrido o mundo como uma avalanche sem resistências duradouras.

Desde os protestos em Túnis, a história contemporânea do Ocidente parece ter sido recontada agora pelos eventos no Oriente. As ilustrações multiplicaram-se. Em apenas uma imagem, pelo menos cinco referências ao passado recente ocidental foram entrecruzadas numa experiência que soa cada vez mais distante de adquirir alguma identidade própria: uma mulher, manifestante árabe, vocifera contra policiais da tropa de choque travestidos de nazistas, remete ao movimento *hippie* com os dedos indicador e médio em riste, às mulheres anarquistas na Espanha, e exibe colar que estampa um grande pingente de punho esquerdo fechado, caraterístico dos Panteras Negras nos EUA dos anos 1960-70.

<sup>113</sup> 

<sup>&</sup>lt;sup>113</sup> SHATZ, Adam. Depois da revolta. In: *Revista Piauí*, São Paulo, n 54, p. 20-22, mar 2011.

<sup>&</sup>lt;sup>114</sup> Id, ibid.

ANDERSON, Perry. Explosões em Sequência. In: *Revista Piauí*, São Paulo, n 57, p. 36-39, jun 2011.
 ANTUNES, Claudia. Revoltas árabes ecoam Revolução Francesa, diz historiador. *Folha de S. Paulo*,

São Paulo, 6 mar. 2011. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/884850-revoltas-arabes-ecoam-revolução-francesa-diz-historiador.shtml. Acesso em 02 dez. 2011.



Figura 3. Ilustração de Nick Bygon. Revista Piauí, 2011

Mas nem tudo são flores nesta primavera. O filósofo Slavoj Žižek já previa o verão de 2011 como data do sepultamento da revolução no Egito:

seus coveiros são o exército e os islamistas. Os contornos do pacto entre o exército e os islamistas se tornam cada vez mais claros. Os islamistas vão tolerar os privilégios materiais do exército e, em troca, terão confirmada a sua hegemonia ideológica. 117

O escritor lamentou ainda a ausência de sentido das revoltas e a indisciplina de um movimento espontâneo demais diante de um processo político tão sério como a alternativa da consolidação de uma "esquerda secular" no poder.

Os árabes não foram apenas acusados por certa esquerda tradicional de apropriação da luta de classes marxista, como também de serem péssimos representantes dela:

<sup>&</sup>lt;sup>117</sup> ŽIŽEK. *ap.* DABASHI, Hamid. Žižek e Gaddafi: vivendo no velho mundo. Disponível em: http://www.revistaforum.net.br/conteudo/detalhe\_materia.php?codMateria=9334%2F%C5%BDi%C5%B Eek+e+Gaddafi%3A+vivendo+no+Velho+Mundo. Acesso em 19 ago 2012.

quando os manifestantes começaram a debater o que fazer, como ir além do mero protesto, o consenso entre a maioria foi que não era necessário um novo partido ou uma tentativa direta de tomar o poder de estado, mas um movimento para exercer pressão sobre os partidos políticos. Claramente, isso não é suficiente para impor uma reorganização da vida social. É preciso um corpo forte, capaz de tomar decisões rapidamente e implementá-las com toda a dureza necessária 118

Em novembro de 2011, um sem número de vozes lamentou o anúncio do governo provisório egípcio de que respeitaria à sharia – conjunto de normas determinadas pelo Islã – durante a elaboração da nova constituição. O clima de decepção pareceu esfriar aos poucos uma primavera que talvez tenha sido pouco diante das expectativas de um Ocidente nada preparado a compreender as especificidades de uma história que não é a sua, apesar da relação assimétrica perpetrada por alguns séculos de dominação política, econômica e cultural. A pretensão de vida própria dos movimentos tem significado para o Ocidente muito mais um sinal de rebeldia ou apropriação indevida do lado "correto" da história do que talvez o grito de libertação de uma história encarcerada pelo domínio externo.

É possível que Žižek e muitos especialistas estejam um tanto corretos com relação à descrença sobre os rumos dos levantes. Mas o argumento aqui não é o de que as convulsões no mundo árabe nada têm a ver com as revoluções burguesas ou proletárias da Europa contemporânea, nem o de que o Orientalismo exerce hoje a mesma força ou a mesma pretensão sobre a região como no século XIX colonizador. Há semelhanças que são evidentes entre os movimentos em jogo no cenário histórico, tanto na Primavera Árabe quanto na ocidental: ampla participação popular; combate à corrupção, à confusão entre poder público e privado; discreto envolvimento orgânico de instituições religiosas, etc. Mas o que o Ocidente faz com a "Primavera Árabe" é inscrever o seu legado nos anais de uma história já escrita e protagonizada pelo velho continente, e que *só agora*, chega aos árabes. Como se a "Revolução Francesa Oriental" estivesse mais de dois séculos atrasada – e mal duplicada – em relação ao acontecimento "original" celebrado pelo Ocidente.

Não demorou muito para que os efeitos colaterais dos levantes ecoassem pela Europa. Já em maio de 2011, diante da intensificação dos movimentos migratórios de civis refugiados, o ministro da integração dinamarquês, Soren Pind, pediu a revisão do

\_\_\_

<sup>&</sup>lt;sup>118</sup> *id*, *ibid*.

Tratado de Schengen e o retorno do controle alfandegário entre as fronteiras nacionais que, desde o fim dos anos 90, foi abolido como condição necessária ao vínculo das nações ligadas à União Europeia.

Coincidentemente ou não, desde a crise do mercado financeiro que se desenrola a partir de 2007 e agora, depois das revoltas no norte da África e no Oriente Médio, os dinamarqueses estão incomodados com a presença dos imigrantes, especialmente os árabes. Esclareceu Pind:

eu acredito que o maior desafio é aceitar que nem todo mundo é igual a nossa sociedade. Nós somos uma tribo há mais de dois mil anos. Nós viemos dos vikings e gostamos muito do nosso jeito de viver. [...] É verdade que alguns grupos imigrantes estão mais representados nas estatísticas de crimes. <sup>119</sup>

A pressão surtiu efeito, e no mês seguinte a União Europeia aprovou rapidamente a revisão temporária do acordo de livre-circulação. O bloco liderado por França e Itália – e apoiado por Bélgica, Holanda e, claro, Dinamarca – não poupou esforços ao convencer o continente de que os cerca de 750 mil refugiados em poucas semanas de conflito na Líbia exerceriam uma pressão econômica insustentável aos coligados. 120

Apesar da euforia passageira e das menções honrosas aos paralelos entre sua história diante dos eventos no mundo árabe, o velho continente parece estar muito mais disposto a financiar bombardeios sobre Trípoli do que estabelecer medidas humanitárias de auxílio aos países destroçados pelos meses de guerra civil.

Primavera ou inverno, pro bem ou pro mal, o que está claro é que o preço da liberdade defendida pelas revoltas árabes não será pago pelo "fundador" do Oriente "atrasado". O que tem nos dito a breve experiência da Primavera Árabe é que o Oriente parece, na verdade, o irmão gêmeo que deixou a velha casa da família pela porta dos fundos enquanto via o irmão Ocidente sair triunfante pelo portão frontal. Como reflexo malfeito do Oeste, tornou-se esta criatura comparada, generalizada e amarrada aos olhos de uma história que cria e recria tanto conceitos quanto primaveras

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/934400-uniao-europeia-decide-revisar-tratado-que-garante-livres-fronteiras.shtml Aceso em 07 dez 2011.

Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/915450-e-preciso-haver-controle-de-fronteiras-diz-ministro-dinamarques.shtml. Acesso em 07 dez 2011.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O século XX trouxe grandes transformações para as Ciências Humanas. A aproximação da História com a Antropologia permitiu, enfim, uma profunda ampliação dos horizontes não apenas metodológicos, mas também perspectivos e temáticos. Nos anos 1960, a História das Mentalidades descobriu uma história do medo, da paixão, das subjetividades. A Nova Esquerda Inglesa deixou a adega em direção ao celeiro, como metaforizou Le Roy Ladurie, e Thompson foi um dos maiores precursores de uma história vista por baixo. 121

Ainda que muito tempo tenha se passado desde o auge do Orientalismo, e a escrita da História tenha superado determinados paradigmas da tradição acadêmica, algumas das suas raízes contaminaram o discurso ocidental de maneira tão poderosa que mesmo no incentivo de revoltas, como a Primavera Árabe, a inteligibilidade dos movimentos parece condicionada à interpretação autoritária de um Ocidente que ainda credita apenas a si mesmo a capacidade de racionalizar sobre a espontaneidade das agitações.

Pouco se sabe sobre o futuro do mundo árabe depois das revoltas. O que se sabe é que certamente o seu presente não corresponde às expectativas do Ocidente que vislumbrou a Primavera Árabe como um desdobramento da Revolução Francesa ou qualquer outro evento de sua própria trajetória de sepultamento do Absolutismo Monárquico ou, depois, de indesejáveis ditaduras bem mais recentes.

Se, por um lado, as manifestações a respeito das revoltas demonstram certo engajamento com a situação política da região, por outro revelam o tamanho da influência de um Orientalismo com motivações muito distintas daquelas em tempos de colonização, mas predominantemente similar na fundamentação, que nega aos árabes a razão sobre sua própria história.

<sup>&</sup>lt;sup>121</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Karen. *Maomé, uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ANDERSON, Perry. Explosões em Sequência. In: *Revista Piauí*, São Paulo, n 57, p. 36-39, jun 2011.

ANTUNES, Claudia. Revoltas árabes ecoam Revolução Francesa, diz historiador. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 mar. 2011. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/884850-revoltas-arabes-ecoam-revolucao-francesa-diz-historiador.shtml. Acesso em 02 dez. 2011.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Crime político e terrorismo: alguns aspectos. Disponível em: <a href="http://historiadocapi.com.br/especial/bandeira/crime político e terrorismo alguns aspectos.htm">http://historiadocapi.com.br/especial/bandeira/crime político e terrorismo alguns aspectos.htm</a>. Acesso em 10 out. 2011.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Felipe II.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BURKE, Peter. Estereótipos do outro. In: \_\_\_\_\_. *Testemunha ocular*: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004. p. 153-174.

CHAUÍ, Marilena. A construção do "oriente" e os fundamentalismos. In: CLEMESHA, Arlene (org.). *Edward Said*: trabalho intelectual e crítica social. São Paulo: Editora da Casa Amarela, 2005. p. 39-43.

CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph. (org.) Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999.

CHOMSKY, Noam. 11 de setembro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CROUZET, Maurice. História Geral das Civilizações. Tomo III. São Paulo: Difel, 1958.

DABASHI, Hamid. Žižek e Gaddafi: vivendo no velho mundo. Disponível em: http://www.revistaforum.net.br/conteudo/detalhe\_materia.php?codMateria=9334%2F% C5%BDi%C5%BEek+e+Gaddafi%3A+vivendo+no+Velho+Mundo. Acesso em 19 ago 2012.

DANIEL, Norman. *Islam and the West*: the making of an image. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1960.

DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DROIT, Roger-Pol. Michel Foucault, entrevistas. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DROIT, Roger-Paul. Genealogía de los bárbaros. Barcelona: Paidós Ibérica, 2009.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder.* Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREUD, Sigmund. O estranho. In:\_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud* (vol. XVII). São Paulo: Imago, 1977.

HEGEL, Georg W. F. Fenomenologia do espírito. V. I. Petrópolis: Vozes, 1999.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HURBON, Laënnec. *El bárbaro imaginario*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In:\_\_\_\_\_. *Textos Seletos*. 2. ed. (Trad.) Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

LATTMAN-WELTMAN. Terror e mídia: história e economia simbólica no limiar do século XXI. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 41-63, 2003.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MORETTI FERNÁNDEZ, Luciana. Hiperterrorismo e mídia: o terrorismo no processo de comunicação política. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP, São Paulo, 2005.

O'GORMAN, Edmundo. *La invención de la América*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, v.1, n.1, março 2005, p. 3 -15.

SADER, Emir. Said: de civilizações e barbáries. In: CLEMESHA, Arlene (org.). *Edward Said*: trabalho intelectual e crítica social. São Paulo: Editora da Casa Amarela, 2005. p. 36-38.

SADER, Emir. Introdução: Edward Said – uma pequena homenagem. In: CLEMESHA, Arlene (org.). *Edward Said*: trabalho intelectual e crítica social. São Paulo: Editora da Casa Amarela, 2005. p. 13-16.

SAID, Edward W. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHATZ, Adam. Depois da revolta. In: *Revista Piauí*, São Paulo, n 54, p. 20-22, mar 2011.

SILVA, Tarcísio Torres. Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 23, p. 35-47, jun. 2012.

SOUZA, Marina de Mello. África e Brasil Africano. São Paulo: Ática, 2007.

STADEN, Hans. Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes. São Paulo: Terceiro Nome, 1999

TORODOV, Tzvetan. O medo dos bárbaros. Petrópolis: Vozes, 2010.